

André Gomes Capita Nionje

**Arquitetura tradicional em Cabinda
Comuna do Tando-zinze
Aldeia de Lucula-zenze
Cabinda-Angola**

Orientador: Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Lisboa
2019**

André Gomes Capita Nionje

**Arquitetura tradicional em Cabinda
Comuna do Tando-zinze
Aldeia de Lucula-zenze
Cabinda-Angola**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 11/12/2019, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 299/2019, de 25 de novembro, com a seguinte composição do júri:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Filipe Coutinho Cabral D'Oliveira Quaresma

Arguente: Prof.ª Doutora Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira Antunes

Orientador: Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

Vogal: Prof.ª Doutora Maria Luísa A. Paiva Menezes de Sequeira

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Lisboa
2019**

Dedicatória

Dedico esta Dissertação de Mestrado integrado em arquitetura aos meus pais, Alberto Afonso Capita Nionje e Madalena Mbumba Kuabi, pelo incentivo e apoio que sempre demonstraram em todas as minhas escolhas e decisões.

Aos meus avós paternos, Francisco Capita Nionje e Isabel Pemba e aos avós maternos, Juliano Kuabi, Carolina Pemba, o meu muito obrigado por me terem dado o privilégio de ser um neto exemplar e dedicado.

Agradecimentos

Quero em primeiro lugar agradecer o onipotente Deus pai todo poderoso que pela sua dádiva me concedeu a vida, me conforta e que me protegeu nesta longa caminhada para a conclusão bem-sucedida dos meus estudos acadêmicos em arquitetura e que não teria sido possível sem o apoio e assistência inabalável da minha família, especialmente os meus irmãos: Carolina Pemba Nhonge, Francisco Capita Nionje, Juliano Kuabi Capita Nionje, Gabriel Kuabi Kapita Nionje, Teresa Malembe Capita Nionje, Victor Baza Capita Nionje. A minha maravilhosa filha Nina Madalena Capita Nionje, que soube já desde muito pequena compreender e superar-se das minhas ausências durante esse tempo, a Bernadinha Muendo Sambo e a Suzana Joselite Matondo quero agradecer por serem aquelas pessoas que sempre estiveram presentes para me dar apoio quer moral quer físico em todos os momentos.

A minha querida mamã que pelas suas fortes orações e a fé transformaram o meu sonho numa realidade.

Gostaria também de agradecer aos meus colegas da turma que durante estes anos de formação sempre mantiveram o espírito de união, foco e dedicação para juntos vencermos essa dura batalha. Colegas as que nesta caminhada se tornaram tal como sempre foram verdadeiros irmãos na pessoa de Luís de Morais Anacleto, Dionísio Manuel Lourenço, Osvaldo dos Santos Goma, quero agradecer por todos os momentos, de fraternidade e camaradagem, de apoio e aberturas nas ideias e opiniões.

Ao coletivo de professores e colaboradores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa:

Professor doutor João Borges da Cunha, Pedro Ressano Garcia, Bernardo Vaz Pinto, André Caiado, Nuno Távora, Marcelo Dantas, Luís Santiago Baptista, Vasco Pinheiro, Tiago Queiroz, Rui Florentino, Nuno Carrôlo, Nuno Bernardo Griff, Elói Figueiredo, Mário Krüger, Filipe Coutinho Quaresma, Fernando da Fonseca Cruz, Miguel Vieira, Raul Hestnes Ferreira, Maria Rita Pais, Maria Luísa Paiva Menezes de Sequeira, Cláudia Oliveira, Isabel Barbas, Inês Andrade Marques, Catarina Patrício, Eliana Sousa Santos, Filipa Antunes, professores estes que durante o longo período da minha formação com muita dedicação e coragem souberam transmitir o seu conhecimento para que

hoje este sonho se torne numa realidade e sempre estiveram disponíveis para me auxiliar nas dificuldades e conseguir dar resposta positivas aos desafios.

Ao Professor Doutor Hugo Nazareth Fernandes por sua direção consistente e edição em pesquisa, análise e composição das minhas ideias.

Ao Professor Doutor, António José de Santa-Rita por sua orientação pensativa em toda a minha trajetória acadêmica, ele que sempre me incentivou a olhar além do óbvio, a explorar e projetar com sensibilidade e consciência.

Ao Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes, pessoa pelo qual devo todo o meu respeito e consideração. Alguém que durante esse tempo me mostrou a direção constante e críticas oportunas que levaram a uma tese coesa.

“O meu muito obrigado “

Às povoações da província de Cabinda em particular a povoação da comuna de Tandu-zinze, aos sobas e anciãos da aldeia de Chindende e Lucula-zenze-. Para finalizar, desejo expressar a minha gratidão ao povo Português por ser acima de tudo um povo acolhedor e amigo. Agradecer por me terem recebido sem receio e nem com indiferença disto que permitiu com que com êxitos pudesse interagir e partilhar diferentes culturas, hábitos e costumes.

Resumo

O presente estudo aborda a temática da preservação da arquitetura tradicional africana, verificando as condições sociais, geográficas, climatéricas e económicas que às influenciam e os desafios para o futuro. O local deste estudo é a aldeia de Lucula-zenze na comuna de Tando-zinze em Cabinda, Angola.

Atendendo a que o principal material usado na construção das casas dessa aldeia é a terra, o estudo aborda as particularidades desse material na construção e caracteriza quer a construção residencial, quer a organização urbanística que espelha a organização social.

O estudo elaborado com base em observações no local e contacto direto com a comunidade que permitiu apontar algumas melhorias a realizar no futuro.

Palavras-chave: Lugar, Habitação, Terra, arquitetura tradicional, Cabinda.

Abstract

The present study addresses the theme of preserving traditional African architecture, checking the social, geographical, climatic and economic conditions that influence them and the challenges for the future. The site of this study is the village of Lucula-zenze in Tando-zinze commune in Cabinda, Angola.

Given that the main material used in the construction of houses in this village is land, the style addresses the particularities of this material in construction and characterizes both residential construction and the urban organization that mirrors social organization.

The study, based on on-site observations and direct contact with the community, made it possible to point out some improvements to be made in the future.

Abstract: Place, Housing, Land, Traditional Architecture, Cabinda.

Lista de abreviaturas

AOA - Kwanza (unidade monetária de Angola)
ALLIAMA - Aliança do Maiombe
BNA - Banco Nacional de Angola
CAUNC - Comitê de Ação de União Nacional dos Cabindas
CNC - Conselho Nacional da Cultura
Cm - Centímetros
DNAC - Direção Nacional de Ação Cultural
BTC - Bloco de Terra Compactado
EDA - Estação de Desenvolvimento Agrário
FAA - Forças Armadas Angolanas
FAZ - Fundo de Apoio Social
FAC - Forças Armadas de Cabinda
FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola
FCD - Fórum Cabindês para o Diálogo
FLEC - Frente de Libertação do Enclave de Cabinda/ Forças Armadas de Cabinda
GPC - Governo Provincial de Cabinda
GEP - Gabinete de Estudo e Planeamento
GOE - Gabinete de Obras Especiais
GURN - Governo de Unidade e Reconciliação Nacional
INFAC - Instituto Nacional de Formação Artística e Cultural
ICCROM - International Centre for the Study of the Preservation and Restoration OF Cultural Property
INEA - Instituto nacional de estradas de Angola
IGCA - Instituto Geográfico Cadastral de Angola
Km - Quilometro
LBSE - Lei de Base do Sistema de Educação
MINFAMU - Ministério da Família e Promoção da Mulher
MINARS - Ministério da Reinserção Social
MINEDUC - Ministério da Educação
MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola
ONG - Organização Não Governamental
OUA - Organização de Unidade Africana
OPC's - Organismos Populares da Cultura
PAG - Programa de Ação do governo
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PDPC - Plano de desenvolvimento da província de Cabinda
PDM - Programa de Desenvolvimento Municipal
RC/RCB - República do Congo / República do Congo Brazzaville
RDC - República Democrática do Congo
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UPNA - União dos Povos de Norte de Angola
FALA - Forças Armadas de Libertação de Angola
UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola
UNACA - União das Associações de Camponeses

Índice

• Dedicatória	
• Agradecimentos.....	
• Resumo.....	
• Abstract	
• Lista de abreviaturas	
• Índice de figuras	12
• Índice de gráficos	17
• Introdução	18
• Objetivos	19
• Metodologia.....	19
Capítulo I – Cabinda.....	20
1.1– Contexto geral	20
1.2– Clima	23
1.3– Estrutura social	24
Capítulo II – A arquitetura da aldeia de Lucula-zenze	35
2.1– Geografia da aldeia, vias de acesso, campos de cultivo	35
2.2– A aldeia.....	41
2.3– As casas	47
Capítulo III – Problemas urbanísticas, arquitetónicos e sociais.....	63
3.1– Os problemas actuais	63
3.2– Os desafios para o futuro.....	64
Capítulo IV – Novas propostas.....	65
4.1– Eficiência e resistência dos materiais.....	65
Conclusão.....	71
Bibliografia	72
Apêndices	73

Anexos.....	I
-------------	---

Índice de figuras

Fig.1- Mapa de Angola e as suas respetivas Províncias

Fonte: <http://projectokinza.blogspot.com/2009/06/informe-da-comuna-de-kinza.html>

Fig. 2- Mapa de Cabinda, Municípios e Comunas.

Fonte: Plano de Desenvolvimento da Província de Cabinda 2013.

Editado por: André Nionje

Fig. 4- Encontro comunitário na aldeia

Fonte: Perfil do Município da província de Cabinda

Fig. 5- Encontro comunitário para recolha de informação

Fonte: Perfil do Município da província de Cabinda

Fig. 6- Encontros do Conselho Comunal e as Autoridades Tradicionais

Fonte: Perfil do Município da província de Cabinda

Fig. 7- Mulher de Cabinda com o filho ao colo.1967

Fonte: Adriano Vasco Rodrigues (2011, p.159)

Fig. 8- Mulher de Cabinda transportando bananas no cesto tradicional às costas

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 9- Mulher de Cabinda transportando lenhas no cesto tradicional às costas

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 10- Desenho típico de um ntete ou mintete, pl. Em Cabinda

Fonte: P. Joaquim Martins (1972, p.35)

Fig. 11- Ntete ou Mintete, pl.

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 12- Mulher de Cabinda com ntete ou mintete na cabeça com o filho ao colo.

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 13- Mulher de Cabinda tecendo um mpili (pl, zimpili) o cesto tradicional para cargas.

Fonte: P. Joaquim Martins (1972, p.47)

Fig. 14- Alguns tipos de pili, pili (pl. zimpili) ou mesmo ntende (pl. zintende).

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 15- Subindo na palmeira para a recolha de malavo

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 16- Garrafas cheias de vinho de palma

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 17- Fabrica de olho de palma.

Fonte: httpspt.Wikipédia.org/wiki/Azeite_de_dend%C3%AA

Fig. 18- O uso de pano durante um encontro tradicional dos Bakamas do Tchizo.

Fonte: <http://derrickangola.blogspot.com/2015/>

Fig. 19- Mulher da aldeia de Cabinda vestida de pano nas suas actividades diárias

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 20- Mulheres de Cabinda com traje típico Africano

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 21- Desenho da mulher de Cabinda com tranças de linha

Fonte: Fonte: P. Joaquim Martins 1972

Fig. 22- Mulher de Cabinda com um Penteado simples

Fonte: Fonte: P. Joaquim Martins 1972

Fig. 23- Mulher de Cabinda com um tranças simples

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 24- O homem com o batuque

Fonte: P. Joaquim Martins 1972

Fig. 25- Grupos de dança tradicional de kintueni

Fonte: <https://www.musicjinni.com/S7f1TdoKwtC/Manguitukulo-Bambukanga-Monho.html>

Fig. 26- Tantã, meio de comunicação entre os povos

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 27- Vegetação densa.

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 28- Rio Lucula

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 29- Produção agrícola camponesa

Fonte: Imagem disponível na internet)

Fig. 30- Recolha de Produtos agrícolas camponesas

Fonte: Imagem disponível na internet)

Fig. 33- Mapa de localização da aldeia de Lucula-zenze na comuna de Tando-zinze

Fonte da imagem: Google maps

Editado por: Andre Nionje

Fig. 34- A aldeia, limpeza e a simplicidade contrastam com a pujança das palmeiras e outras plantações ao redor das casas.

Fonte: Martins 1972

Fig. 35- Parte da aldeia de N'Goyo, sede do antigo Reino.

Fonte: Martins 1972

Fig. 36- Casa típica das terras de Cabinda.

Fonte: José Martins Vaz (1972)

Fig. 37- Primeira casa dos missionários na aldeia de Lucula-zenze.

Fonte: P. Barnabé Lelo Tubi (P. Eugénio Bisch, 1893, pag.60)

Fig. 38- Ilustração técnica da aplicação de teto de palha

Fonte: (Prista, 2014:81), Filipe Manuel (2019, pág. 35).

Fig. 39- Vários processos de defender as colmaduras do vento.

Fonte: (Prista, 2014:81), Filipe Manuel (2019, pág. 35).

Editado por: Andre Nionje

Fig. 40- Casa de madeira no interior de Cabinda

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/84269782@N00/2539231357>

Fig. 41- Casa de cimento e madeira no interior de Cabinda

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/84269782@N00/2539231357>

Fig. 42- Casa típica da aldeia do Chindende

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 43- Rua principal e disposição das casas (aldeia de Chindende).

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 44- Disposição das casas e relação com os espaços exteriores próximos (aldeia de Chindende).

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 45- Disposição das casas e relação com os espaços exteriores próximos (aldeia de Chindende).

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. Fig.46- Aspeto parcial (aldeia de Chindende)

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. Fig.47- Aspeto parcial (aldeia de Chindende)

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 48- Casa de adobe com cobertura de palha

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 49- Casa de adobe com reboco de cimento

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 50- Planta da casa, aldeia de Chindende

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 51- Casa típica da aldeia de Chindende

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 52- Corte da casa típica da aldeia Chindende tipo 1

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 53- Planta da casa típica da aldeia de Lucula-zenze

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 54- Casa típica da aldeia de Lucula-zenze

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 55- Corte da casa típica da aldeia de Lucula-zenze tipo 1

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 56- Planta da casa típica da aldeia de Lucula-zenze

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 57- Casa típica da aldeia de Lucula-zenze

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 58- Corte da casa típica da aldeia de Lucula-zenze tipo 1

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 59- Espaço exterior entre a casa principal e a cozinha

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 60- Fig.60- Ponto de encontro entre vizinhos

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 61- Processo de escavação de terra para a fabrico de adobe

Fonte: (Imagem disponível na internet)

Fig. 62- fabrico de adobe

Fonte: (Imagem disponível na internet)

Fig. 63- Fundação em corte

Fonte: (Desenho do autor), 2019

Fig. 64- Construção em adobe

Fonte: (Imagem disponível na internet)

Fig. 65- Cozinha típica da aldeia na parte posterior da casa

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 66- Interior da cozinha típica da aldeia

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 67- Sistema de recolha da água da chuva a partir da cobertura

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 68- Recolha da água dos rios para o consumo diário

Fonte: (http://jornaldeangola.sapo.aoreportagemcabinda_prepara_intervencao_no_sector_das_aguas).

Fig. 69- Processo de escavação da cova para a latrina

Fonte: (Imagem disponível na internet)

Fig. 70- Latrina de palha

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Fig. 71- Casa de banho de chapa

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Índice de gráficos

Quadro nº 1- Tabela do resumo meteorológico anual da Província de Cabinda

Fonte: ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabinda_\(munic%C3%ADpio\)#Geografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabinda_(munic%C3%ADpio)#Geografia))

Quadro nº 2- Gráfico de produção agrícola empresarial

Fonte: (<https://macua.blogs.com/files/plano-de-desenvolvimento-da-provincia-de-cabinda-2013-17>).

Quadro nº 3- Gráfico de produção agrícola camponesa em tonelada

Fonte: (<https://macua.blogs.com/files/plano-de-desenvolvimento-da-provincia-de-cabinda-2013-17>).

Quadro nº 4- Diagrama dos 12 métodos principais de construção com terra.

(Fonte: CRAterre traité de construction en terre marseilha, parentheses 1989)

Quadro nº 5- Diagrama dos 12 métodos principais de construção com terra.

(Fonte: CRAterre traité de construction en terre marseilha, parentheses 1989)

Quadro nº 6- As 10 vantagens de contruir com adobe

Fonte: <https://blogs.canalrural.uol.com.br/casanocampo/2016/07/29/adobe-aprenda-a-fazer-tijolos-com-terra-crua/>

Introdução

Para melhor compreendermos a essência da arquitetura rural tradicional, é preciso examinar as nossas raízes, e entendê-las antes de tentar compreender os aspetos técnicos.

A arquitetura tradicional procura de alguma forma respeitar as condições da sociedade local e pode responder às influências globais e às necessidades em mudança. Estudar as influências sociais (cultura local) e físicas (geografia e clima), bem como a arquitetura tradicional de uma região como o exemplo a da aldeia de Lucula-zenze pode revelar novos princípios de projetos arquitetónicos específicos para o local, utilizando materiais e técnicas construtivas tradicionais que contribuem para conservar a identidade cultural.

As casas construídas com materiais locais tornam a aldeia um espaço bom para habitar e a necessidade de sombra, abrigo e a captura da brisa se refletem na arquitetura e paisagismos locais.

- A metodologia

O estudo realizado foi sobretudo baseado em trabalho de campo realizado nas aldeias de Chindende, Uângulo e Lucula-zenze.

Foram também consideradas obras de alguns autores que falam sobre a arquitetura de terra atendendo ao seu interesse para as tipologias das habitações a área de estudo. Foram ainda analisados alguns projetos enquadrados nas técnicas construtivas são conjugados com as da arquitetura tradicional, e estes foram muito úteis para o estudo.

São finalmente, apresentadas considerações e recomendações, incluindo algumas propostas com instruções sobre princípios de sustentabilidade, técnicas de construção e materiais recomendados nas construções de habitações informais, direcionado à população com pouca capacidade financeira.

- Objectivos

Com este trabalho pretendem-se identificar as características arquitetónicas de uma aldeia em Cabinda/ Angola, e de uma forma estratégica propor e inovar sobre os pormenores introduzindo novas soluções que poderão ser expressas através de uma intervenção no design contemporâneo, dar mais eficiência aos materiais utilizados nas suas construções respeitando a cultura, a tradição e modo de vivência local, permitindo que os princípios e valores culturais deste povo persistam através da preservação da arquitetura tradicional local, a qual contribuirá para a manutenção da identidade cultural dos aldeões representando uma oportunidade para o desenvolvimento das comunidades economicamente mais pobres e vulneráveis.

Acabar com a extrema pobreza e a fome, promover a igualdade entre os sexos, erradicar doenças que matam milhões de pessoas e fomentar novas bases para o desenvolvimento sustentável do povo, são algumas das perspectivas que se pretendem alcançar. Pretende-se ainda com este trabalho desenvolver um olhar crítico sobre a tendência do desenvolvimento urbano, e entender este fenómeno, identificando um conjunto de soluções para o desenvolvimento de áreas rurais que reflitam preocupações ecológicas, sociais, económicas e culturais, tanto ao nível das infraestruturas, como da construção da habitação e os materiais utilizados.

De forma a possibilitar a autoconstrução regional, sugerem-se estratégias de evolução dos sistemas de construção, nomeadamente: Melhorar os componentes no fabrico de adobe, repensar a solução para o pavimento, cobertura de chapas de zinco ondulados, conforto térmico, portas e janelas e iluminação.

Capítulo I – Cabinda

1.1– Contexto geral

Cabinda é a província geograficamente mais a norte das 18 províncias da República de Angola, sendo um enclave limitado ao norte pela República do Congo Brazzaville, a leste e ao sul pela República Democrática do Congo e a Oeste pelo Oceano Atlântico. A capital da província de Cabinda é a cidade de Cabinda, conhecida também com o nome de Tchoua, Tchiowa ou Chiowa. Tem uma superfície de 7500 km² e com cerca de 716 076 habitantes. A população de Cabinda pertence na sua quase totalidade aos povos bantus, a um grupo antigamente chamado Fiote ou Fyote, cuja língua, a língua cabinda (localmente chamada ibinda), é considerada um dialeto falado e proveniente do kikongo. Administrativamente, a província é constituída pelos municípios de Cabinda, Cacongo (ex Landana), Belize e Buco-Zau. Os principais acidentes geográficos de Cabinda são as baías de Cabinda, Malembo e Lândana, além da Laguna de Massabi, que são importantes polos pesqueiros. Já o principal curso d'água é o rio Chiloango, que nasce no Congo Kinshasa, tendo como afluentes os rios Luali, Lufe e Lombe. Outros flúmens importantes são os rios Lubinda (formador da Laguna de Massabi), Lulondo e Lucola. As elevações mais relevantes se encontram na Serra do Muabi.



Fig.1- Mapa de Angola e as suas respectivas Províncias
Fonte: <http://projectokinza.blogspot.com/2009/06/informe-da-comuna-de-kinza.html>

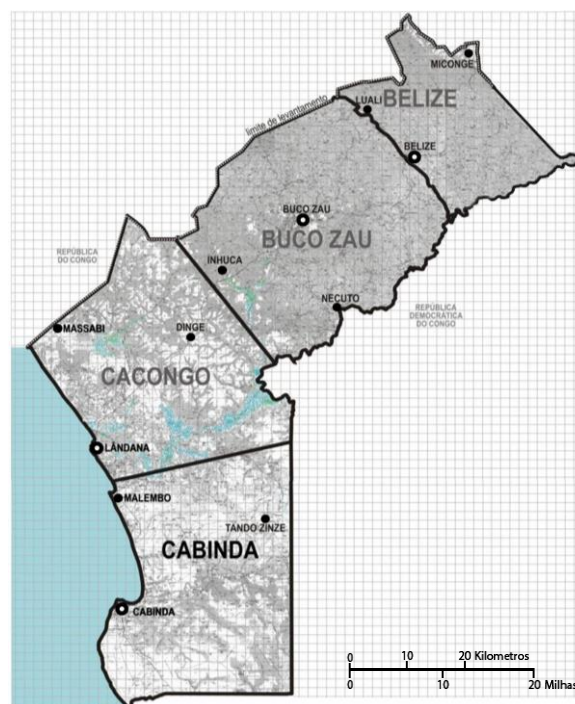


Fig.2 - Mapa de Cabinda, Municípios e Comunas.
Fonte: Plano de Desenvolvimento da Província de Cabinda 2013.
Editado por: André Nionje

- Período colonial e descolonização (anos 1920 a 1975).

Exploradores, missionários e comerciantes portugueses chegaram à foz do rio Congo na metade do século XV, fazendo contacto com o Manicongo (nome pelo qual era chamado o mandatário do Reino do Kongo). O Manicongo controlava grande parte da região através da afiliação com reinos minoritários, tais como os do Ngoyo, Luango e Kakongo, todos eles parte integrante do antigo reino do Kongo e situados na atual Cabinda. Com o passar dos anos, portugueses, holandeses e ingleses estabeleceram postos de comércio, fábricas de extração de madeira e de óleo de palma em Cabinda. O comércio continuou e a presença europeia cresceu, resultando em conflitos entre as potências coloniais rivais. No quadro da "corrida europeia para África", Portugal concluiu em fevereiro de 1885, com os chefes destes reinos, o Tratado de Simulambuco que daria a Cabinda o status de protetorado da Coroa Portuguesa "sob permissão dos príncipes e governantes de Cabinda" reservando dessa forma os direitos de governação do território.

Por ocasião da Conferência de Berlim, realizada no mesmo ano, quando simultaneamente nasceram o Congo Belga (ex-Zaire e atual República Democrática do Congo) e o Congo Francês (ex-Congo Brazzaville e atual República do Congo), a atribuição de Cabinda a Portugal foi internacionalmente confirmada, adotando-se a designação Congo português. No entanto, como a Bélgica reivindicou uma saída para o Atlântico para o Congo Belga, agora constituído como tal, foi-lhe concedido um "corredor" constituído pelos territórios adjacentes ao rio Congo. Desta maneira foi cortada a ligação por terra, anteriormente existente, entre Cabinda e o restante Reino do Kongo. completada, até meados dos anos 1920, a ocupação efetiva do território que constitui a atual Angola, Portugal deu por findo o estatuto de protetorado separado, passando a considerar Cabinda como parte integrante (com o estatuto de distrito) da então Colónia, mais tarde chamada Província Ultramarina) de Angola.

No quadro do sistema colonial estabelecido em Angola, Cabinda teve alguma importância económica que levou a um significativo desenvolvimento da cidade de Cabinda que chegou a ser dotada de um porto e de um aeroporto.

A Igreja Católica, pilar do sistema, estabeleceu em Cabinda uma diocese e promoveu a cristianização, já iniciada no século XIX, da quase totalidade da população. Esta foi de par com uma expansão, pela Igreja Católica e pelo Estado colonial, da educação escolar, para além da verificada noutros distritos.

A situação mudou dramaticamente quando, em 1967, foram descobertos importantes jazidos de petróleo ao largo da costa de Cabinda, o que levou Portugal a promover de imediato a sua exploração. Porém, ao mesmo tempo a luta anticolonial tomou corpo também em Cabinda. No fim dos anos 1950/inícios dos anos 1960 constituíram-se no território vários grupos que se insurgiam contra a dominação colonial; neste meio havia desde o início a ideia de uma independência de Cabinda separada de Angola. Em 1962, estes grupos uniram-se, formando em Brazzaville a Frente para a Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC). A designação inicial da FLEC foi "Front pour la Libération de l'enclave de Cabinda". Este movimento teve desde o início o propósito de promover para Cabinda uma independência separada da pretendida para Angola, desde os anos 1950, pelos movimentos nacionalistas FNLA e MPLA, e a partir de 1966, também o da UNITA. Neste sentido, a FLEC constituiu em 1967 um "Governo de Cabinda no Exílio", com sede em Ponta Negra (Pointe Noire), no Congo Brazzaville. As atividades desenvolvidas pela FLEC foram, durante esta fase, no essencial de mobilização política em Cabinda, e de procura, por via diplomática, de um reconhecimento internacional alargado.

Em simultâneo, a FNLA e o MPLA desenvolveram a partir do Congo-Kinshasa (e o MPLA mais tarde a partir do Congo-Brazzaville) operações militares em Cabinda, no essencial em regiões do interior, de acesso mais difícil. Estas operações obrigaram Portugal a reforçar consideravelmente a sua presença militar em Cabinda, conseguindo deste modo conter a penetração dos dois movimentos - tarefa facilitada pelos frequentes conflitos armados entre ambos. No fim dos anos 1960, a FNLA cessou praticamente as suas operações em Cabinda, enquanto o MPLA marcou alguma presença militar até ao fim da era colonial. MPLA e FLEC rivalizaram fortemente no campo da mobilização política. Após a Revolução do 25 de Abril de 1974 em Portugal, o MPLA obteve rapidamente o controle militar de Cabinda, defendendo a continuação do enclave como parte integrante de Angola, e procurando neutralizar os militantes da FLEC. Por sua vez a FLEC, na altura dividida em várias correntes, declarou a independência separada de Cabinda e criou rapidamente uma pequena força militar. Esta tentou uma incursão a partir do Congo-Kinshasa, mas foi sem problemas maiores rechaçada pelo MPLA. A partir deste momento, a FLEC deixou de ter qualquer papel no processo conflituoso que levou à Independência de Angola.

1.2– Clima

Cabinda possui um clima eminentemente quente e húmido. Com amplas e rápidas variações térmicas, congregando uma multiplicidade de condições nocivas à conservação da saúde. Tem grande diversidade de relevo e clima equatorial, sendo que os projectos agrícolas e não só partem da potencialidade dos seus solos. não esquecendo que em termos hidrográficos, Cabinda está localizada em uma área privilegiada do continente africano, banhada por quatro importantes bacias hidrográficas como o rio Chiloango, Lubinda, Lulondo e Lucola e possui cursos de água em torno de todo o seu território. A vegetação predominante é a Savana herbosa e Savana com arbustos entremeada com faixas de floresta densa húmida sem caducifólia. O solo predominante é o Psamético.

A estação com precipitação é quente e de céu encoberto; a estação seca é morna e de céu parcialmente encoberto. Durante o ano inteiro, o clima é quente. Ao longo do ano, em geral a temperatura varia de 20 °C a 31 °C e raramente é inferior a 19 °C ou superior a 32 °C.

Dados climatológicos para Cabinda													[Esconder]
Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
Temperatura máxima recorde (°C)	32	33	33	33	33	29	28	29	30	33	33	34	34
Temperatura máxima média (°C)	30	31	31	31	29	26	26	26	27	28	29	28	28
Temperatura mínima média (°C)	23	23	23	23	23	21	18	19	21	23	23	23	22
Temperatura mínima recorde (°C)	20	19	18	19	19	16	13	15	16	19	19	19	13
Precipitação (mm)	58,4	109,2	83,8	116,8	55,9	0	0	2,5	5,1	33	114,3	88,9	668
Fonte: ^[11] 6-9-2010													

Fig.3- Tabela do resumo meteorológico anual da Província de Cabinda

Fonte: ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabinda_\(munic%C3%ADpio\)#Geografia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabinda_(munic%C3%ADpio)#Geografia))

Temperatura

A temperatura em Cabinda é suficientemente quente durante todo o ano para que faça sentido discutir a estação de cultivo dessa perspectiva. No entanto, incluo o gráfico acima com ilustração da distribuição de temperaturas durante o ano. Graus dia são uma medida do acúmulo de calor anual usada para prever o desenvolvimento de animais e plantas, sendo definidos como a integral do calor acima da temperatura base, descartando qualquer excesso acima de uma temperatura máxima.

Cabinda fica perto de um grande corpo de água (por exemplo, oceano, mar ou grande lago). Esta seção descreve a temperatura média da superfície desse corpo de água em uma área ampla. A temperatura média da água passa por variações sazonais extremas ao longo do ano.

1.3– Estrutura social

- Estrutura e o papel das autoridades tradicionais
- Coordenação institucional
- Funda-nkanu



Fig.4-Encontro comunitário na aldeia

Fonte: Perfil do Município da provincia de Cabinda



Fig.5-Encontro comunitário pala recolhe de informação

Fonte: Perfil do Município da provincia de Cabinda

A autoridade tradicional é a autoridade máxima a nível das regedorias. Tem jogado um papel muito importante, por um lado, liderando a comunidade para questões de fórum tradicional e de pequenos litígios que não envolvam alta criminalidade, pois estes são encaminhados ou para a administração comunal ou para a polícia, para o seu devido tratamento. Por outro lado, serve de elo de ligação entre as aldeias vizinhas e a administração do Estado, a nível da comuna. Neste contexto uma regedoria subdivide-se em sobados. Cada sobado tem sob sua jurisdição um grupo de aldeias. Cada aldeia tem um chefe / coordenador.

A aldeia tem a sua coordenação para apoiar as decisões que afetam a comunidade e que ultrapassam as actividades correntes dos sobas, o regedor da comuna dispõe de um conselho consultivo que integra o seu staff administrativo, os sobas, anciãos / conselheiros, advogados tradicionais.

O poder tradicional de uma aldeia está estruturado por sobas, coordenadores e secretários. Um facto importante é que os problemas locais são resolvidos de uma forma pacífica pelo poder tradicional. O tribunal é constituído pelo então designado Nfumu.

As salas do tribunal são quase sempre ao ar livre com coberturas em ramos de palmeiras e outras vezes, quanto possível debaixo de uma *Nsanda* (*ficus psilopoga* ou *ficus religiosas*). E para estes fins existem sempre junto das casas dos chefes uma dessas árvores. Faltando *nsanda* reúne-se debaixo de uma *Muanza* (*cobertura de ramo de palmeira*), alpendre público que geralmente está localizada no centro da aldeia. Muitos dos assuntos de agora são levados às autoridades administrativas municipais ou mesmo o tribunal de comarca.

Mais não deixa de continuar a haver muitos julgamentos segundo os velhos hábitos e que constatei nas minhas entrevistas é que não há dúvidas de que o seu modo de resolver os assuntos têm uma segura noção de justiça local. Por isso, todos os participantes do ato sentam-se em semicírculo à direita e à esquerda dos membros do tribunal e ficam em frente uns dos outros. (Figura.3)



Fig.6- Encontros do Conselho Comunal e as Autoridades Tradicionais
Fonte: Perfil do Município da província de Cabinda

Os principais mecanismos de coordenação institucional que a Administração do município tem vindo a implementar são o Conselho Comunal e Encontros com as Autoridades Tradicionais, que têm servido para troca de informações sobre a realidade das comunidades e as actividades diárias. Na aldeia de Lucula-zenze tem-se realizado o conselho comunal, as instituições religiosas e autoridades

tradicionais têm participado e contribuído na reflexões e opiniões sobre as necessidades da comuna para o seu desenvolvimento e as autoridades tradicionais dentro da Comunidade têm extrema importância, pois são eles que vivem de perto as aflições da população, levando-as às entidades do Governo, no sentido da sua resolução.

Funda-nkanu: é o julgamento de uma querela, ou seja, é uma palavra composta como perfeitamente se nota. É composta de: Do verbo *kufunda* isto é acusar, denunciar, informar, e de *nkanu* substantivo questão, julgamento, processo. O Julgamento das questões é sempre feito pelos chefes que são eles os juizes (*Likunzi*, pl. *Makunzi-árbitro*). Essas questões podem ser pela falta de cumprimento das leis de Lusunzi, leis morais indígenas. Provocam logo que conhecidas diretamente ou por denúncias feitas pelos próprios infratores, o *funda-nkanu*. Outros factos que podem ser colocados em tribunal tradicional por quem se julgar lesado ou ofendido. P. Joaquim Martins (1972, p.28)

Regedor é a entidade máxima das autoridades tradicionais que trabalha com o Governo levando as preocupações da população às autoridades do Estado, enquanto o Soba grande é a entidade que coordena todos os Sobas e os Sobetas, tendo o poder de entronizar qualquer autoridade Tradicional local. O ibinda ou Fyote é a língua como um forte elemento da cultura que tem sido uma das grandes referências, para se identificar e classificar os diferentes grupos étnicos desta comuna. A diferença nos dialetos pode ser notada nos termos que designam o nome do próprio ibinda, que variam de ibinda, kbinda, tchibinda, chibinda e kibinda. Apesar das diferenças, todos esses dialetos são classificados como sendo o mesmo idioma.

O povo da comuna de Tandu-zinze vive maioritariamente agrupados em aldeias com reduzido número de famílias. Estas possuem uma estrutura e funções apropriadas a sua realidade. A minha primeira impressão ao entrar em contacto com este povo é que descrevo este como um povo alegre, acolhedor humilde e acima de tudo acessível, um dos motivos pelo qual me faz perceber e ter a preocupação de manter a lógica construtiva tradicional local é que os que visitam ou que não pertençam estas aldeias criam mais intenções de lá ir.

Um facto curioso é que fui observando ao longo da minha visita de estudo que logo pelas manhãs e ainda muito cedo, fruto das responsabilidades de cada um e da comunidade em geral ou até mesmo a social, cada um dos aldeões tem a preocupação em se ocupar da sua atividade diária, as crianças se dedicam à vida escolar apesar de mau estado das infraestruturas escolares, e por outro lado alguns se ocupam dos seus afazeres como os trabalhos domésticos e até muitos deles ajudam os seus pais nos trabalhos de campo. Os jovens e os mais velhos se dedicam ao cultivo das

terras principalmente a ocupação da caça e da pesca (fluvial e marítima), assim como auxiliam as mulheres nos trabalhos de campo. Também é visível que, durante o dia, todas estas aldeias ficam monótonas e só ganham vida no cair do dia ou à tardinha quando já todos tomam o caminho para casa e regressam às aldeias.



Fig.7- Mulher de Cabinda com o filho ao colo.1967
Fonte: Adriano Vasco Rodrigues(2011, p.159)



Fig.8- Mulher de Cabinda transportando bananas no cesto tradicional às costas
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.9- Mulher de Cabinda transportando lenhas no cesto tradicional às costas
Fonte: (Imagem do autor), 2019

A mulher nestas paragens desempenha um papel fundamental na vida do marido, filhos e a família em geral. Ela dá todo o seu melhor respondendo de uma forma positiva as suas expectativas e honrando os seus compromissos relacionados aos dos desafios do dia-a-dia em busca de soluções. A busca da água do rio para o consumo que por vezes é longe, o arranjo das terras para as plantações, as plantações, as cargas, mesmo as dos produtos conseguidos pelo marido etc. Tudo fica praticamente sob a sua responsabilidade.

Os dois utensílios frequentemente mais utilizado pelas mulheres para o transporte de cargas e o seu modo de fabrico:

- Ntete (*mintete, pl.*)
- Mpili (*zimpili, pl.*) ou mesmo ntende (*zintende, pl.*)

Ntete ou mintete é feito com dois ramos de palmeiras tecendo e entrançando. Pode ter dois tamanhos um maior outro menor. O maior serve para as cargas, geralmente usado no transporte de mandioca, lenhas, poles de água etc., etc. E o menor serve para viagens e é chamado ntete-tete ou mintete-tete, e nele é levado poucas coisas necessárias ou alguma pequena lembrança ou encomenda vindo de um membro familiar que reside fora da sua aldeia. (figuras:)



Fig.10- Desenho típico de um ntete ou mintete, pl. Em Cabinda
Fonte: P. Joaquim Martins (1972, p.35)



Fig.11- Ntete ou Mintete, pl.
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.12- Mulher de Cabinda com ntete ou mintete na cabeça com o filho ao colo.
Fonte: (Imagem do autor), 2019

Mpili, pili (zimpili, pl.) ou mesmo ntende (zintende, pl.) muito utilizado pelas mulheres de diferentes etnias, o chamado mpili na sua fabricação sofre vários tamanhos porque várias são as suas aplicações a ver se pode servir para as cargas. Mpili é o cesto grande para carga pesada como lenhas, mandioca potes de água etc. (figuras:)



Fig.13- Mulher de Cabinda tecendo um mpili (pl, zimpili) o cesto tradicional para cargas.
Fonte: P. Joaquim Martins (1972, p.47)



Fig.14- Alguns tipos de pili, pili (pl. zimpili) ou mesmo ntende (pl. zintende). Tradicional feito em Cabinda
Fonte: (Imagem do autor), 2019

Este cesto é fabricado com um material chamado localmente de zimbanza (*nervuras dos ramos de palmeira*) ou com fibras de lubamba. Para o melhor conforto aos usuários, empregam-se espécie de uma correia ou faixa (tecido de fibras resistentes de plantas), de cinco ou sete centímetros de largura que passa um pouco acima do meio do cesto e é fixo em suas fontes, caminhando de forma cerviz vergada é desta forma que se equilibram e mais facilmente seguram e transportam a carga. Tendo estes cinco ou sete centímetros de largura para melhor e mais comodamente assentar bem ao alto da testa, vai adelgaçando para as pontas a fim de permitir fazer-se o nó a distância que melhor convier. O tamanho e a resistência que se deseja que tenha o ntete ou mpili conduzirá à escolha e preparação de nervuras de palmeira ou de fibras de lubamba mais ou menos grossas e largas. (figuras:)

O homem antes de mais ajuda no derrube das arvores para as plantações, mais já as mulheres é que irão atear o fogo aos trocos e paus derrubados e ao capim e outras ervas. As cinzas dessa queimada é que serão na grande maioria das vezes o adubo da terra.

Os homens na aldeia madrugam excepto os que está doente, velhos e os que por uma ocasião extraordinária prestam serviço ao Estado. Com arcos para subir as palmeiras, catanas bem afiadas e as garrafas ou cabaças para a recolha do vinho de palma entre as 8 e 10 horas. A primeira coisa que o homem faz ao chegar a floresta especialmente no tempo de cacimbo é dar uma volta pelas suas palmeiras e recolher o vinho de palma que escorreu para as garrafas e cabaças durante a noite.

Recolhido o malavo (*vinho de palma ou seiva da palmeira*) trocando por vezes garrafas e cabaças, o homem arma novamente o sistema de recolha que é relativamente simples. O vinho de palma é bastante consumido nas festas tradicionais tais como o casamento, a casa de tinta e várias outras celebrações locais.

Malavo, mangienvo ou o nome mais vulgar chamado de maruvo (*vinho de palma ou seiva da palmeira*) é uma bebida recolhido a partir da flor da palmeira cortando e abrindo um pequeno golpe na parte inferior do pé da flor servindo-se de uma espécie de funil fazendo com que o bico do funil penetre no gargalo da garrafa ou cabaça que por um fio ficará bem segura ao local e de seguida vai se recolhendo a seiva que corre muito lentamente num período de 8 dias no máximo. Sr. João Muanda (2019)

Outro elemento muito importante para o aproveitamento das palmeiras é a extração do dendém para o consumo, fabrico de óleo de palma, o caporroto e sabão que muita das vezes é

comercializado noutras paragens. O corte do cacho de dendém é feito pelos homens de seguida é posto a cozer em grandes quantidades numa temperatura aproximadamente de 60°C. Após a sua cozedura, é posto numa máquina feita com um tambor de 200 litros e um diferencial tradicional que cruza este tambor, uma dúzia de ferros são aplicados a um eixo que vindo do diferencial trabalha dentro do tambor e um tronco forte e leve a servir de volante. Vai fazendo a rotação manual até que esteja estruturado o dendém soltando assim o óleo de palma que ficam a superfície da água e depois recolhido com um recipiente. Estes locais de fabrico de óleo de palma fica sempre ao lado de um riacho (figuras:).



Fig.15- Subindo na palmeira para a recolha de malavo
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.16- Garrafas cheias de vinho de palma
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.17- Fabrica de olho de palma.
Fonte: httpspt.wikipedia.org/wiki/Azeite_de_dend%C3%AA

Tomando atenção ao que fica descrito nestas pesquisas, é de notar que este óleo não pode ser de muito boa qualidade por ser extraído de dendém apodrecido, com muitos e muitos graus de acidez. Havendo hoje um pouco de mais cuidado, tendo até sido posta de parte esta forma de obter o óleo, quer rijo quer o mole, ainda não há todo o cuidado que é preciso em usar o dendém maduro e bem fresco para que se reduza ao mínimo o grau de acidez e isso se ressentir por vezes na cotação inferior que é dada a este óleo.

O óleo de palma para além do seu uso na alimentação, também serve para curar várias doenças. (segundo a informação do senhor João Muanda).

As suas comidas são tipicamente da região tais como a famosa Saca-folha (é um esparregado de folhas de mandioca), Muamba (é feita a partir de dendém pisado num pilão que depois de livre da

polpa e coconote resulta assim a muamba), Kienzo (*é um género de puré que pode ser feito de feijão*), Libuki (*é feito de amendoim torrado e de seguida pisado num pilão*). São qualidades de refeições que não abandonaram e nem abandonam até chegar a ser apreciadíssimo pelas outras culturas especialmente a muamba de saka-folha que sempre se vê nas suas festas.

Na própria casa, a cozinha está o senhor João Muanda a cargo das mulheres, uma vez ou outra em dias de grandes festas onde recebem familiares e amigos se for ou tiver sido cozinheiro por conta de outrem, mostrará o homem as suas qualidades na culinária. Pois isto fez-me entender que a sobriedade deste povo nos alimentos e no modo de vivência é regra geral daquela região. Battel (in prevost, op. Cit, pag. 249 do vol. VI).

- Vestuários e os seus penteados
- A Cultura e dança



Fig.18-O uso de pano durante um encontro tradicional dos Bakamas do Tchizo.

Fonte: <http://derrickangola.blogspot.com/2015/>



Fig.19- Mulher da aldeia de Cabinda vestida de pano nas suas actividades diarias

Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.20- Mulheres de Cabinda com traje típico Africano

Fonte: (Imagem do autor), 2019

Desde os tempos mais antigos que o uso de panos era constante e o tecido era de marca Lubongo conforme a dignidade das pessoas assim são esses panos. O vestir mais decente e mais comum principalmente para as mulheres passou a ser depois das importações de tecidos do continente Europeu. Uma peça com que cobrem os ombros e uma outra que enrolam em volta da cinta. No decorrer da minha investigação apesar de algumas lacunas, ainda pude observar esta regra geral com lindos panos estampadas e garridos.

Já para os homens acabaram com o seu pano próprio de marca Zuarte (*kimbundi, pl. bindumbi*) desde os tempos muito arredados que usam casacos e até casacas de origem Europeia, excepto em reuniões de clã , festas, os grandes chefes tradicionais tais como os mais velhos, se apresentam de pano de zuarte(*sobreposto por cima das calças*) e com a pele próprio da sua dignidade. Os tidos ainda como chefes de clã, quando recebem alguém para a resolução de questões e onde têm de afirmar a sua autoridade apresentam-se sempre de pano tanto quanto possível de zuarte.

Com as tendências da globalização, as mulheres nestas aldeias não deixaram ainda o uso do pano a fazer de saia; conserva a blusa mais ou menos do tipo quimono e de largos decotes; veste ainda o largo pano-manto que passa pelas costas e traça ao ombro. É bem verdade que nestas zonas sem dúvidas estes trajes, pelo seu gosto na escolha de peças estampadas são procurados até em outros continentes. Ora chego a conclusão de que a mulher de Cabinda e arredores é a que melhor se veste e que se apresenta. Na fusão entre a moda pude constatar que as mulheres com a idade entre os 14 aos 24 anos vestem de uma forma pura e simplesmente a Europeia e com muito gosto e graça o fazer.

Zuarte, é um tipo de tecido de algodão, rústico, com fios brancos e azuis mesclados muito utilizado pelos Cabindas nos seus vestuários do dia a dia. Andre Capita (2019).

Os seus penteados com o relato de Prevost em terras do reino do Loango e Kakongo (um pouco menos no reino de Ngoio) as tranças e o corte de cabelo são proporcionadas de acordo ao cargo ou posição de cada um. Hoje nas zonas mais abrangentes pela fusão da moda local e internacional, os homens fazem mais ou menos o corte de cabelo que vêm usar no Europeu e tanto quanto lhes permite a sua qualidade de cabelo. Mais ainda sim nas aldeias cortam cabelo uns aos outros. Mais uma tesoura, uma lâmina, ou mesmo uma navalha de barba são mais do que instrumentos suficientes para um corte decente de cabelo. Já a mulher casada e até a meia idade pelo menos como a mulher de todo o mundo, tem brilho e até vaidade em se apresentar com um penteado natural e o especto gracioso que se pode colher de certos penteados esta bem patente em algumas das fotografias (figuras).



Fig.21- Desenho da mulher de Cabinda com tranças de linha
Fonte: (Fonte: P. Joaquim Martins) 1972



Fig.22- Mulher de Cabinda com um penteado simples
Fonte: (Fonte: P. Joaquim Martins) 1972



Fig.23- Mulher de Cabinda com um tranças simples
Fonte: (Imagem do autor), 2019

A sua cultura e as danças são uma fonte de inspiração. No calar das noites na aldeia organizam-se em pequeno grupo onde aproveitam o melhor da luz durante da lua cheia. Aproveitam essas belas noites para se divertirem dançando e cantando anedotas ao mesmo tempo que se presta desta forma um certo culto à Ngonda (é a *lua cheia*). E a dança conforme diz o Kunz Dittmer em sua antropologia geral (Fundo de cultura económica, México-Buenos Aires) "oferece uma extraordinária possibilidade de descarga por via motora das tensões psíquicas e da expressão do sentimento de desagrado ou de agrado mediante a actividade do instrumento primária que é o corpo" assim a dança satisfaz desde os seus começos uma acessibilidade individual e social e é um dos meios mais populares de distensão dos nervos.

Para muitos habitantes da comuna torna-se difícil imaginar a sua comunidade sem dança afirmou a coordenação da aldeia. Imaginando este povo sem outra distração ou divertimento. Para algumas raparigas e jovens relatam que o dançar torna-se então uma necessidade quase premente , uma medicina imprescindível para a descarga emotiva é por isso que dançam e dançam horas e horas a fio como que aproveitar a lua cheia que se desfaz em esplendor para não perderem nenhum dos momentos restam dessa espécie de embriaguês ate caírem extenuados até porque a dança acaba por ser um meio mais e mais perfeita de expressão e pode-se encontra-la nos actos religiosos.

O movimento de todas essas danças é marcado pelo ritmo do toque de tambores (Ndungu).

Ndungu, (*nome mais vulgar batuque*) é um tambor feito com tronco da árvore que se toca colocado em diferentes sentidos e que o mais comum é o sentido horizontal muitas vezes seguro entre os joelhos do tocador. Este chega a ter o comprimento de aproximadamente 1 á 2 metros e com a largura de raio com 14 á 20 centímetros. André Capita (2019)

Um dos instrumentos que chama muito a atenção e que serve de comunicação entre diferentes aldeias no caso de haver problemas é o Tanta e que o seu som pode ser ouvido numa extensão de pelo menos 15 á 25 quilómetros (figura).



Fig.24- O homem com o batuque
(Fonte: P. Joaquim Martins) 1972



Fig.25- Grupos de dança tradicional de kintueni
Fonte: <https://www.musicjinni.com/S7f1TdoKwtC/Manguitukulo-Bambukanga-Monho.html>



Fig.26- Tantã, meio de comunicação entre os povos
Fonte: (Imagem do autor), 2019

Feito de tronco cavado de uma fenda longitudinal com dois lábios e cada um com o seu som, um grave e outro agudo. É a tantã tocado por duas espécies de baquetes que são feitas de madeira mole e leve para não ferirem os lábios da tantã e permitindo assim que venha dar ao toque do mesmo um som mais cavo, suave e menos duro.

Capítulo II – A arquitetura da aldeia de Lucula-zenze

2.1 – Geografia da aldeia, vias de acesso, campos de cultivo

Lucula-zenze tem um potencial e uma variedade de riquezas desde os seus solos, tanto na agricultura (café, cacau, óleo de palma, bananas e outros gêneros alimentícios) como na pesca (marítima ou fluvial, contando ao longo da sua costa e em alguns rios e lagoas com uma invulgar riqueza piscatória), na pecuária, com um território que reúne todas as condições para a sua prática sobre diversas formas e em variadas espécies, assim como no seu subsolo (os diamantes, o fosfato e o manganês). E ainda um manancial de recursos hídricos e naturais por se explorar e que são indispensáveis à vida da sua população. O subsolo desta zona possui urânio, ouro, fosfato, ferro, entre outros mineiros.



Fig.27- Vegetação densa.
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.28- Rio Lucula.
Fonte: (Imagem do autor), 2019

A vegetação predominante na aldeia é a savana herbosa ao su-sudoeste e na faixa litoral, savana com arbustos entremeada com faixas de floresta densa húmida Semicaducifólia na parte norte-nordeste. Proporcionando uma extensa cobertura vegetal, sendo no Municípios de Boco Zau e Belize em grandes proporções.

Ainda conta com a ligação da grande floresta designada Floresta de Maiombe, que é considerada para muitos entendidos como um mar ou labirinto vegetal sem fim de verdura e espécies de vegetação que cria um entontecimento de beleza singular em África, de uma opulência de flora verde, aliada a centenas de espécies diferentes de animais que constituem a sua fauna e que entusiasma qualquer pessoa. A comuna também possui uma grande rede hidrográfica com vários rios, e seus afluentes, lagoas e pântanos. Para além destas potencialidades naturais existem ainda outros recursos a saber como: o petróleo, burgau, mica, madeira e ouro.

A exploração das palmeiras também tem sido um elemento fundamental na economia local visto que a partir deste pode-se obter o dendém que por sua vez dá o óleo designado (óleo de palma) e a partir deste mesmo óleo permite a fabricação de sabão para o seu uso. Essas palmeiras também dão o chamado caporoto e o marufo uma bebida extraída de uma forma tradicional. A troca de mercadorias entre este povo e o povo Congolês tem predominado em grande escala nesta região através do rio Lucula, pois este é que liga o território de Cabinda e os Congos quer Brazzaville quer Kinshasa.

A população nesta aldeia tem sofrido um elevado crescimento nas últimas décadas devido à forte migração dos povos Congolezes que, devido aos conflitos armados, procuram através do rio Lucula atravessar desesperadamente à procura de um conforto e melhores condições de vida. A partir dos seus métodos eficazes de cultivar a terra os camponeses dedicam-se à agricultura como fonte de rendimento, preparando constantemente a terra para as próximas épocas, o que proporciona uma difusão das técnicas de cultivo e dos utensílios necessários para exercer as suas actividades diárias. O interessante nisto é que as estrutura económica de posse de terra desses povos são comuns, pois a cada família possui uma parcela de terra para o cultivo.

É bem verdade que por outro lado, as regedorias citam que a grande a migração das populações rurais congolezas para a periferia das aldeias tem provocado naturalmente, uma grande pressão sobre os recursos naturais locais. A destruição da cobertura vegetal e a utilização desordenada dos solos para a prática da agricultura, construção de habitações, etc. tem provocado e acelerado processos erosivos que afetam as condições de vida das aldeões e das áreas circundantes em múltiplos aspectos. Uma das consequências mais graves foi o assoreamento e a degradação da água dos rios, que é a principal fonte de abastecimento de água para o consumo. A caça de espécies selvagens tem constituído uma fonte principal muito importante para a sobrevivência dos familiares emigrantes, o que tem provocado uma excessiva e furtiva caça das espécies, colocando em risco a sobrevivência de algumas.



Fig.29- Produção agrícola camponesa
Fonte: Imagem disponível na internet)



Fig.30- Recolha de Produtos agrícolas camponesas
Fonte: Imagem disponível na internet)

A produção agrícola é realizada de forma primitiva, com baixa produtividade, fruto das baixas tecnologias utilizadas, equipamento e dimensionamento das explorações agrícolas. A agravar a situação, não há ainda um sistema funcional para o escoamento da produção, conduzindo a grandes perdas pós-colheita, resultado que mais desânimo cria a população.

A agricultura é muito predominada pelas mulheres. Segundo o senhor Estevão Gime Ndombe (coordenador da aldeia do Chindende, 2019) salientou que a mulher é quem mais trabalha.

Após a sua colheita, os produtos agrícolas são escoados e uma parte serve de base para a sua alimentação e outra para fins comerciais. Geralmente a colheita dos produtos mais importantes dá-se no fim do ano permitindo com que a mesma venha ser suficiente para o consumo até à aproxima colheita. Eles procuram proteger contra os bichos e possível degradação e logo o método de conservação dos seus produtos variam de região para região, e nesta comuna procuram criar melhores formas de conservar os produtos criando grandes depósitos. Geralmente as cozinhas funcionam na parte anexa da casa onde constantemente nota-se o fumo da fogueira para proteger as colheitas contra os bichos. A criação de diferentes tipos de animais e aves predominam nesta região pois acabam por ser também uma fonte de alimentação quando de vez em quando aos finais de semana abatem um animal e são convidados os grandes chefes da aldeia e distribuir aos chefes de família.

Para incentivar a produção e melhorar a renda da população é indispensável que se propõe a instalação de equipamentos tais como:

- Campos de jogos destinados para os jovens (infantis e juvenis).
- Espaços para actividades colectivas jangos, anfiteatro ao ar livre (reuniões dos sobas das aldeias e festas tradicionais).
- Valorização o papel da mulher na família e na comunidade rural
- Áreas agrícolas fora dos lotes.
- Revitalizar e diversificar a economia rural, de forma a torná-la competitiva e sustentável.
- Promover o restabelecimento do comércio rural nas comunidades propondo a construção de um mercado ao ar livre
- Criação de um centro comunitário de aprendizagem e capacitação das comunidades.
- Criação e funcionamento de empresas agrícolas, pecuárias e silvícolas competitivas e eficientes para estimular e gerar empregos.

A contribuição da agricultura empresarial na produção agrícola global dos municípios é ainda pouco significativa, como se pode observar no quadro abaixo. E este quadro indica que a extensão da área cultivada na agricultura empresarial corresponde a 178.8 hectares, sendo que cultura de regadio ocupa uma área de 108.1 hectares. e as culturas de sequeiro ocupam 70.7 hectares. No cultivo de sequeiro o milho ocupa 38% do total da área cultivada, a banana 34%, a mandioca e o feijão macunde, cada um ocupa 10% e o amendoim 8%. No cultivo de regadio a cultura de hortícolas ocupa 80% do total da área.

▪ Gráficos de produção agrícola

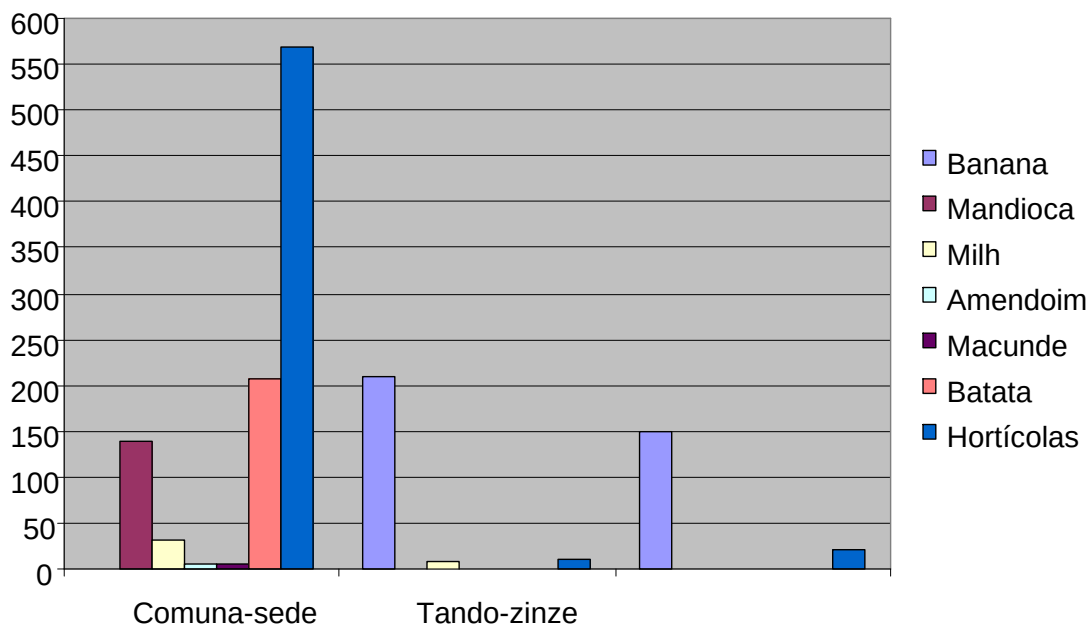


Fig.31- Gráfico de produção agrícola empresarial

Fonte: (<https://macua.blogs.com/files/plano-de-desenvolvimento-da-provincia-de-cabinda-2013-17>).

Estão sob o controlo da EDA aproximadamente 14.400 famílias camponesas, sendo que 38% na comuna-sede, 47% na comuna de Tandu-zinze.

Os principais cultivos são: mandioca, banana, ananás, amendoim, feijão macunde. O quadro abaixo indica que o total da área de cultivo do município das famílias camponesas corresponde a 17.622 hec. A mandioca ocupa a maior área, 41% do total. O ananás ocupa a menor área, 13% do total. Outros cultivos praticados em áreas menores, mas com relativa importância na dieta alimentar são, a batata-doce, o inhame, o milho, as hortícolas e fruteiras tropicais diversas.

A nível dos pequenos camponeses, a preparação da terra é feita manualmente; utilizam enxadas, catanas, limas, machados. A queimada é uma prática bastante utilizada para a preparação do solo.

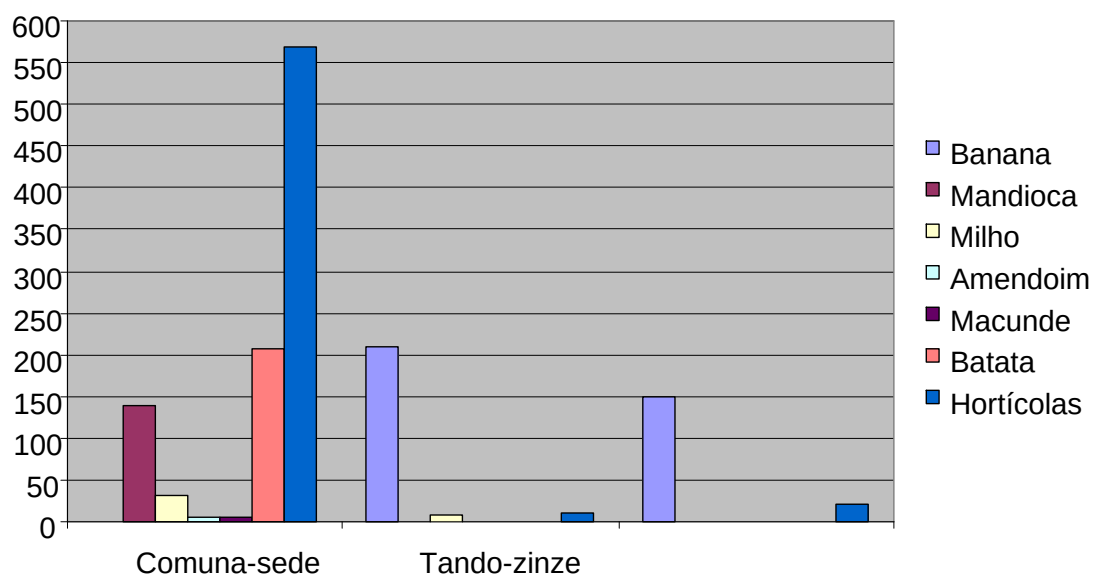


Fig.32- Gráfico de produção agrícola camponesa em tonelada

Fonte:(<https://macua.blogs.com/files/plano-de-desenvolvimento-da-provincia-de-cabinda-2013-17>).

2.2 – A aldeia

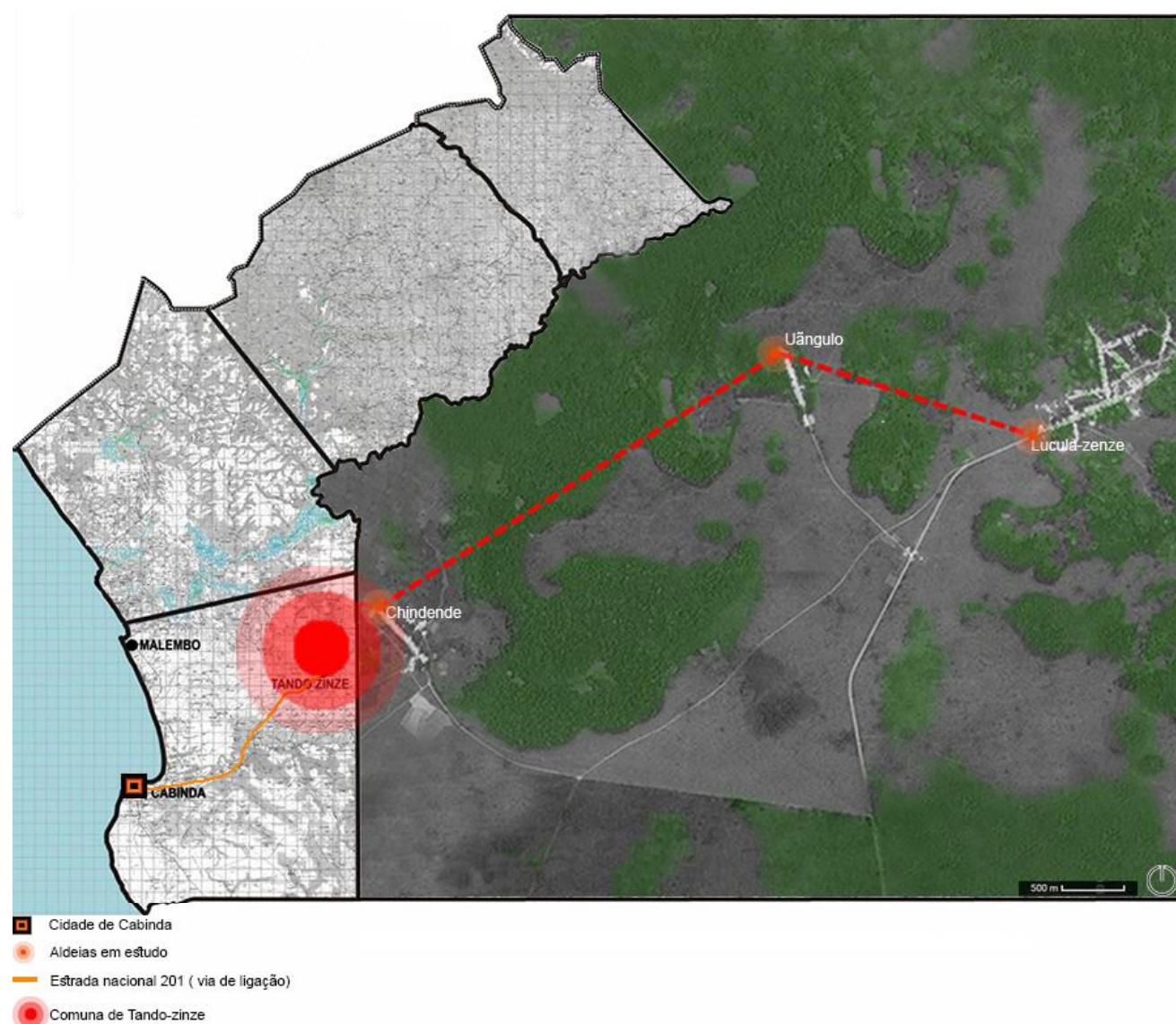


Fig.33- Mapa de localização da aldeia de Lucula-zenze na comuna de Tando-zinze

Fonte da imagem: Google maps

Editado por: Andre Nionje

Localizada no município sede, comuna de Tando-zinze (*noutro* chamado de *N'tando N'zinze* na língua fiote que traduzindo em português significaria planície das formigas), a cerca de 40 km da cidade de Cabinda, Lucula-zenze, é uma aldeia com uma densidade populacional que ronda nos 0-15 hab/km² (*estatística feito em 2005 pelo senso*), e que comporta de quase 201-400 habitantes no seu todo. A aldeia vem sofrendo nos últimos anos um crescimento populacional muito elevado por

causa de fortes migrações de pessoas vindo de outras zonas. De acordo com as pesquisas feitas, a aldeia é povoada maioritariamente pelos Cabindas natos e muitos com consanguíneo Congolês. Pode-se verificar o aumento de número de pessoas a se instalarem ali à procura de melhores condições de vida achando conveniente obter um espaço ideal para promoverem as suas atividades nomeadamente agricultura, a caça e pesca. Separado apenas pelo rio Lucula, Lucula-zenze tornou-se um centro de comércio triangular entre os povos que atravessam o rio para a troca de mercadorias.

A arquitetura da aldeia reflete-se na fusão de culturas com as adaptações climáticas locais e para se compreender este facto deve-se de algum modo analisar e refletir a sobre os materiais utilizados nas construções em relação à integração climática da região desde os tempos mais antigos comparando com o actual. É notável que desde a época do antigo reino do Congo que nesta localidade a utilização dos materiais como o adobe, madeira, palha, colmo e pau a pique predominam nas suas construções.



Fig.34- A aldeia, limpeza e a simplicidade contrastam com a pujança das palmeiras e outras plantações ao redor das casas.
Fonte: Martins 1972



Fig.35- Parte da aldeia de N'Goyo, sede do antigo Reino.
Fonte: Martins 1972

A forma, disposição, organização e a distribuição dos espaços no interior da casa refletem o partir do número de pessoas que compõe cada família. Hoje com a eficiência dos materiais e a contemporaneidade, as suas casas construídas com cunhos artísticas e mantidas com irrepressível asseio. Os habitantes são hospitaleiros e tradicionalistas, razão pelo qual ainda nas suas habitações é possível encontrarem-se objectos de grande valor cultural, transmitidos de geração em geração (*de pais para os filhos* e vice-versa). Como exemplo, podemos verificar que as construções estão sempre muito apoiadas nas vias de acesso, que são ruas de largura anormal triplicada pelos espaços vazios

laterais, sendo por tanto duas faixas de terra batida que vão percorrendo ao longo das fachadas estritamente funcionais servindo assim de corredor e espaço destinado e definido por cada morador.

Esta arquitetura acaba por ser até os dias de hoje uma influência para as suas construções, pois sempre respeitam e mantêm presente a lógica e os conceitos construtivos culturais da população, conceitos estes que são uma herança histórica desde os tempos mais antigos até hoje. Existem características fundamentais que consistem na utilização de matérias locais. A terra, madeira, palha e o colmo são os materiais antes mais utilizados nas suas construções.

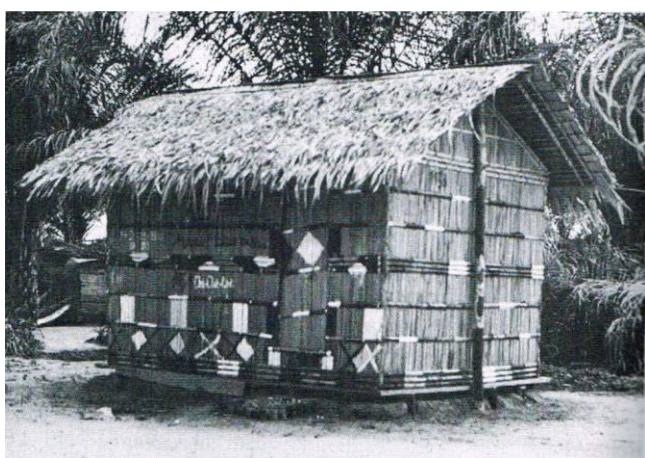


Fig.36- Casa típica das terras de Cabinda.
Fonte: Jose Martins Vaz (1972)

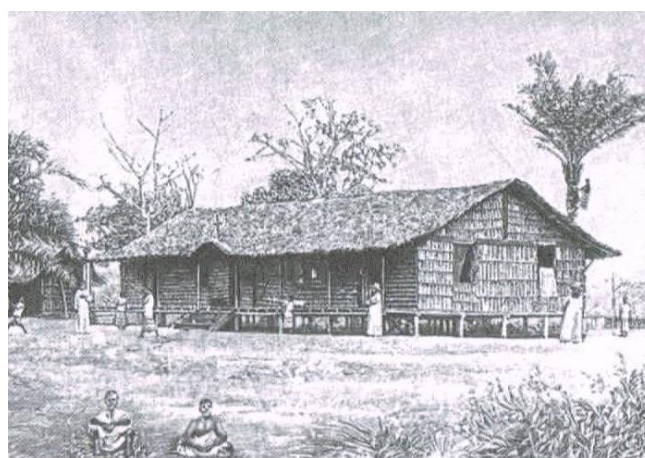


Fig.37- Primeira casa dos missionários na aldeia de Lucula-zenze.
Fonte: P. Barnabé Lelo Tubi (P. Eugenio Bisch, 1893, pag.60)

O Colmo é um tipo de caule, encontrado nas plantas gramíneas ou o chamado vulgarmente de bambu, com caules compridos, ocos, e nós bem visíveis. Trata-se de um material abundantemente disponível em quase todas as regiões do mundo, excepto em climas secos onde não cresce vegetação e é aplicado nas construções depois de seco para que não apodreça e dure mais tempo possível. Este material é muito utilizado nas coberturas, paredes e pilares de suporte da própria construção. É uma técnica muito visível nas soluções de cobertura, mas também pode ser utilizado em paredes murros de vedação. A utilização deste material, fornece uma temperatura confortável no interior da casa.

- Técnica da aplicação de teto de palha.

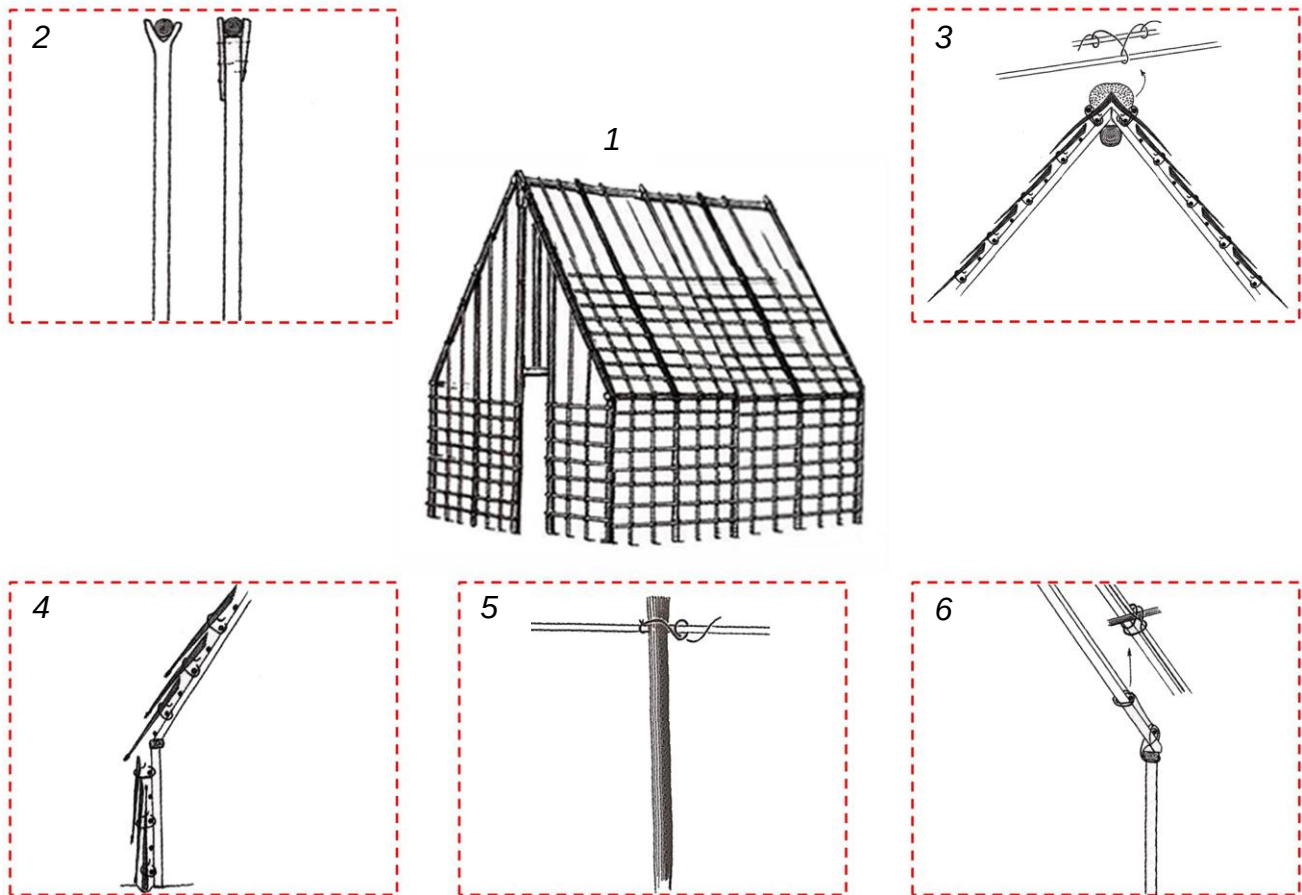


Fig.38- Ilustração técnica da aplicação de teto de palha.

Fonte: (Prista, 2014:81), Filipe Manuel (2019, pag 35).

Editado por: Andre Nionje

- 1-Estrutura da casa
- 2- Estrutura e esqueleto da cobertura
- 3- Remate do cume
- 4-Disposição das manadas de junco ou estorno e maneira de as prender as canas
- 5-Processo de amarração das canas aos prumos na cobertura
- 6-Processo de amarração das canas aos prumos e aos caibros

- Vários processos de defender as colmaduras do vento

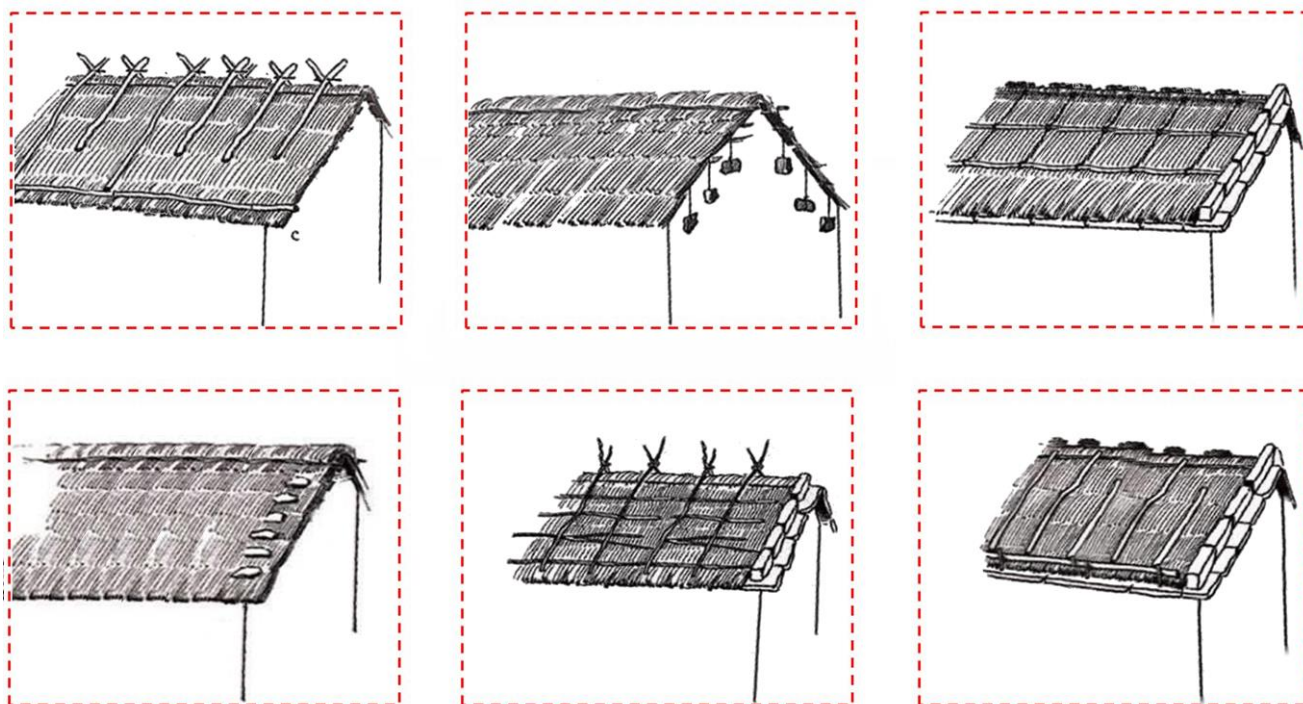


Fig.39- Vários processos de defender as colmaduras do vento.

Fonte: (Prista, 2014:81), Filipe Manuel (2019, pag 35).

Editado por: Andre Nionje

O uso deste material nas coberturas das casas requer uma manutenção frequente devido à sua fácil degradação pela humidade, sol e insectos. Pires (2013). Hoje as coberturas em palha são pouco utilizadas nas construções principalmente fora das localidades podendo assim haver uma tendência de possível desaparecimento da técnica e do uso deste tipo de material por se tratar de um método muito antigo e hoje muitos estão a ser substituídos por chapas de zinco. Cláudia Dias, (2014, pag. 48).

As fibras vegetais – Hoje ainda se faz o uso das fibras vegetais na composição do fabrico do adobe para dar maior durabilidade e consistência.

A Palha – A aplicação deste material nas coberturas ainda se faz sentir em algumas aldeias da comuna.

Taipa – é uma técnica resultante da colocação da mistura de terra, apiloada em camadas dentro de uma cofragem de madeira formando um bloco monolítico embora em algumas regiões já se substitui a cofragem de madeira em painéis metálicos, integrais e deslizantes. A aplicação desta técnica na construção já existe há muito tempo. Caracteriza-se por elevada inércia térmica, devido à elevada espessura das suas paredes o que lhe, confere funções de regulador climático.

A madeira foi um dos materiais muito utilizado nas construções englobando assim um conjunto de características estéticas técnicas e económicas que com muita dificuldade podem ser encontrados num outro material proveniente das florestas (Fig.).



Fig.40- Casa de madeira no interior de Cabinda

Fonte:<https://www.flickr.com/photos/84269782@N00/25392313>
57



Fig.41- Casa de cimento e madeira no interior de Cabinda

Fonte:<https://www.flickr.com/photos/84269782@N00/25392313>
57

Por ser um material que pode ser reciclado e reutilizado, resultando numa menor produção de resíduos sólidos, é importante continuar o uso de madeira na construção e encontrar outros novos e rentáveis usos para o material celulósico proveniente das florestas, pois dessa forma ajuda-se a encontrar melhores rentabilidades para os produtores florestais e logo uma motivação adicional para melhor gerir as florestas. Uma boa gestão florestal, materializada por cortes regulares e selectivos e uma frequente renovação de efectivos florestais, não só é conveniente para permitir uma silvicultura mais económica e rentável, mas também para evitar fogos florestais e para ter florestas mais saudáveis do ponto de vista biológico. Pode-se afirmar que a madeira tem um contributo importante mas não decisivo para uma construção mais sustentável, embora tenha um papel fundamental ao nível do desenvolvimento sustentável, por ter origem na árvore e esta provir das florestas. Cláudia Dias e Cachim (2014-2007, pag. 48,).

2.3 – As casas



Fig.42- Casa típica da aldeia do Chindende.

Fonte: (Imagem do autor), 2019

As casas são quase no seu todo de forma retangular e estão sempre a uma pouca distância umas das outras de forma a que cada uma tenha a possibilidade de ter o espaço livre. Ainda é possível encontrar ao longo da aldeia algumas casas com coberturas de palha principalmente as casas usadas como cozinha exterior. A maioria das casa principais já tem a cobertura em chapas de zinco.

Os grupos desta região possuem características socioculturais particulares, relacionadas com as características construtivas das suas habitações que são muito pouco visíveis em termos de diferenças pelo facto de os materiais naturais utilizados serem facilmente encontrados localmente e por terem menor energia e toxidade incorporadas diferente de outros materiais.

A organização da aldeia e das casas tem traços originais muito marcados como a longa rua central de casas baixas apertadas em filas sem jardins visíveis todas aparentemente iguais. A rua de largura anormal de terra batida que percorre as fachadas, estreitamente funcionais visto servirem de corredor e espaço destinado e limitado por cada proprietário aos mais variados fins. Cf Gérard (1981, pag. 379).

Os campos para o cultivo estão sempre virados à parte posterior das casas, é a parte frontal da casa que dá a rua e anexada por cada casa família sua área de pertença. É interessante a relação que se estabelece entre as casas ou as parcelas destinadas à construção, horta e outros terrenos anexos e, por fim, as parcelas do terreno destinada ao cultivo que define uma estrutura que para as entidades

regionais parecem inseparáveis da aldeia. A estrutura e organização da aldeia é necessária para a coesão da população cujas origens de cada popular pode se variar.

Os sobados defendem que uma aldeia não pode ser concebida sem uma forte comunidade e que o espírito comunitário é uma componente essencial da aldeia.

- Organização das casas aldeia



Fig.43- Rua principal e disposição das casas (aldeia de Chindende).

Fonte: (Desenho do autor), 2019



Fig.44- Disposição das casas e relação com os espaços exteriores próximos (aldeia de Chindende).
Fonte: (Desenho do autor), 2019

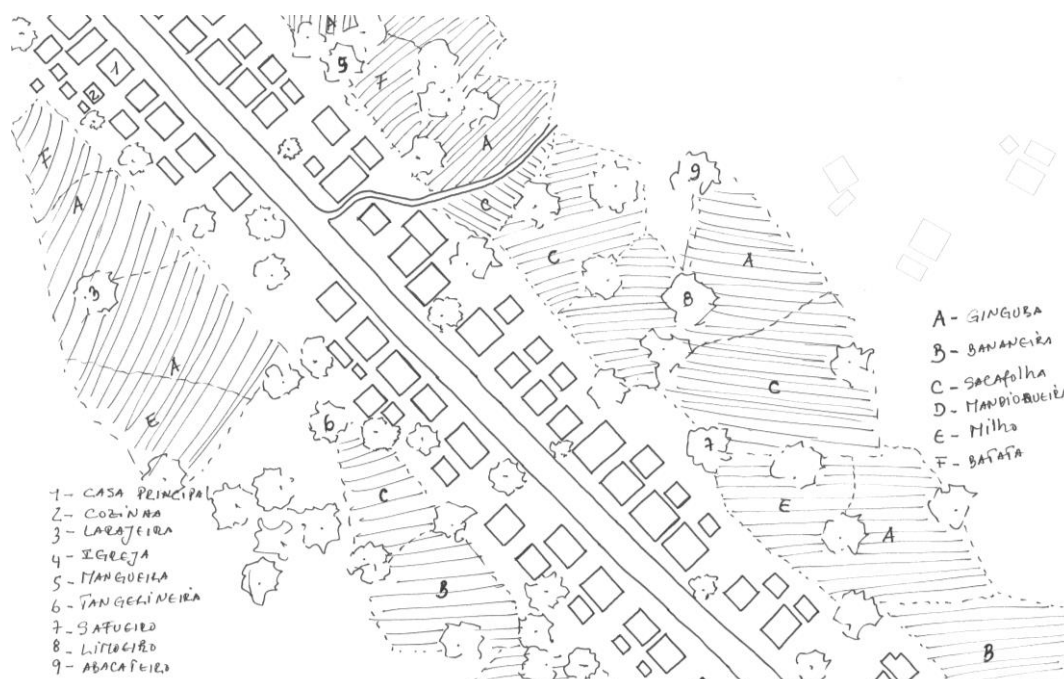


Fig.45- Disposição das casas e relação com os espaços exteriores próximos (aldeia de Chindende).
Fonte: (Desenho do autor), 2019



Fig.46- Aspeto parcial (aldeia de Chindende).
Fonte: (Desenho do autor), 2019

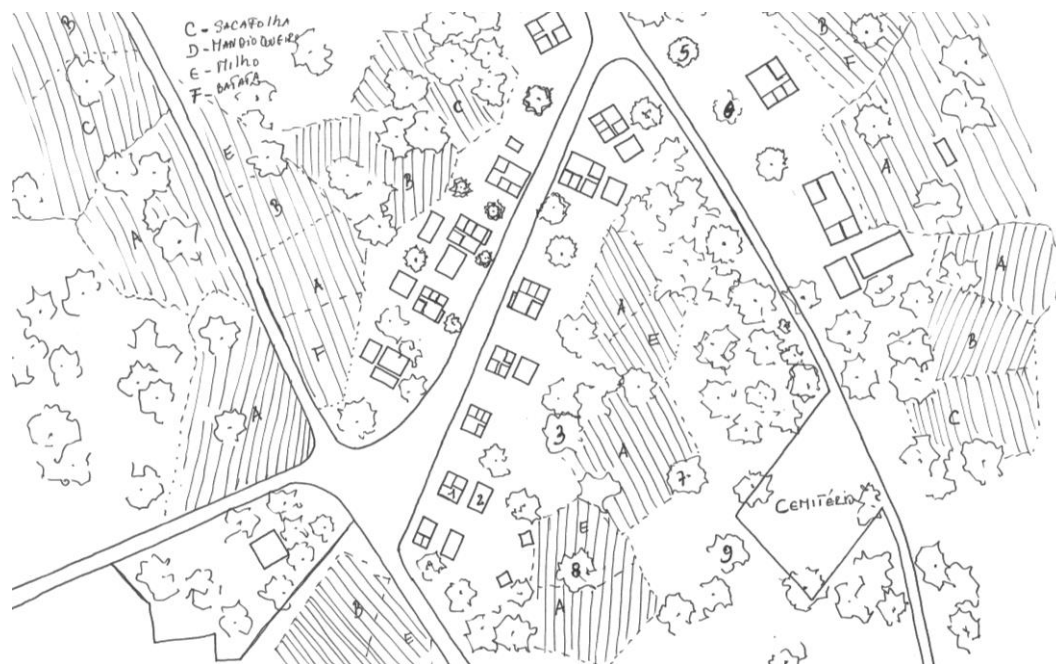


Fig.47- Aspeto parcial (aldeia de Chindende).
Fonte: (Desenho do autor), 2019

O uso de adobes nas construções tem um significado muito importante por ser um material abundante e reutilizável, não precisa de ser processado industrialmente.

O seu uso pressupõe economia de meios de recursos, de material, de tempo e não tem aquilo que se chama energia intrínseca caracterizando a baixo consumo de energia e emissões de carbono, baixos e níveis nulos de poluição.

A construção em terra foi e é a arte desenvolvida na antiguidade de forma mais universal e mais acessível, usando-a cozida ou crua. É, desde os tempos remotos, um dos principais materiais de construção usados pelo Homem. O barro e os materiais vegetais entrançados, juntamente com a pedra, foram as formas mais elementares de estruturar um abrigo contra as intempéries.

Este material pode aparecer na construção de várias formas: baseada na taipa (*terra prensada dentro de cofragem*), no adobe (*unidades modulares de terra crua*), ou no pau a pique ou tabique (*estruturas de madeira engradada, preenchida por adobe*). Cláudia Dias (2014, pag.46).

As tipologias das casas em toda extensão da comuna, aldeias e municípios, utilizam os mesmos tipos de materiais na sua construção.

Desde os tempos mais antigos o grupo étnico de cada região possui suas características socioculturais particulares que acabam por ser uma influência muito grande na concepção das suas casas motivo pelo qual as características construtivas das suas habitações são muito pouco visíveis nas outras paragens.

Estas construções são muito bem feitas e a forma geométrica da amarração do telhado cuidadosamente executado dá às casas o seu carácter facilmente reconhecível. Quase que não há decorações na sua concepção e um dos elementos decorativos existente é o remate da armação da cobertura e diferentes formas de acordo com o construtor.

Hoje verifica-se a introdução de alguns novos elementos construtivos mais convencionais e sólidos como portas de madeira bem trabalhadas, ombreiras, postigos e a finalização por rebocos em cimento.

- As plantas das casas
- Métodos, materiais e sistemas construtivos.



Fig.48- Casa de adobe com cobertura de palha
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.49- casa de adobe com reboco de cimento
Fonte: (Imagem do autor), 2019

As casas dos aldeões são caracterizadas pelo facto de serem tanto bem-adaptadas as necessidades exteriores como extremamente bem construídas. A casa típica é até hoje a princípio Quadrada com uma semelhança em termos de distribuição dos espaços no seu interior.

Plantas, cortes e perspectiva das casas na aldeia de Lucula-zenze

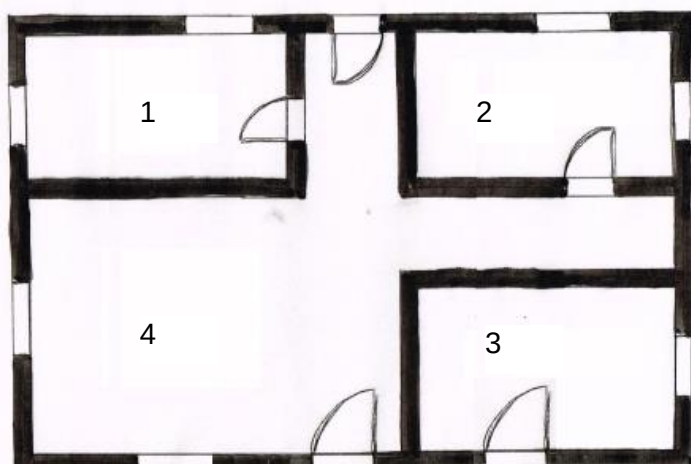


Fig.50- Planta da casa, aldeia de Chindende
Fonte: (Desenho do autor), 2019

Distribuição dos espaços:

- 1- Quarto do casal
- 2- Quarto para as meninas
- 3- Quarto para os rapazes
- 4- Quarto de visitas

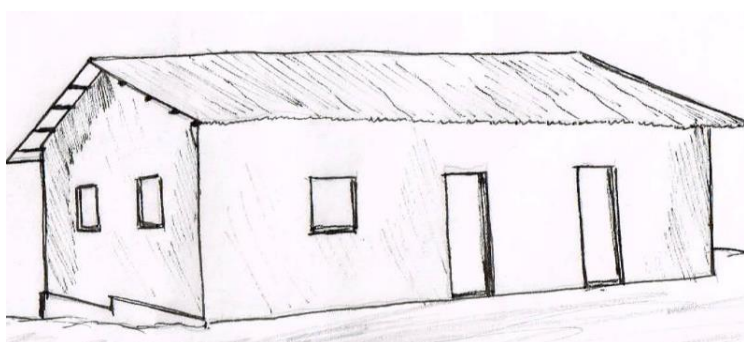


Fig.51- Casa típica da aldeia de Chindende
Fonte: (Desenho do autor), 2019

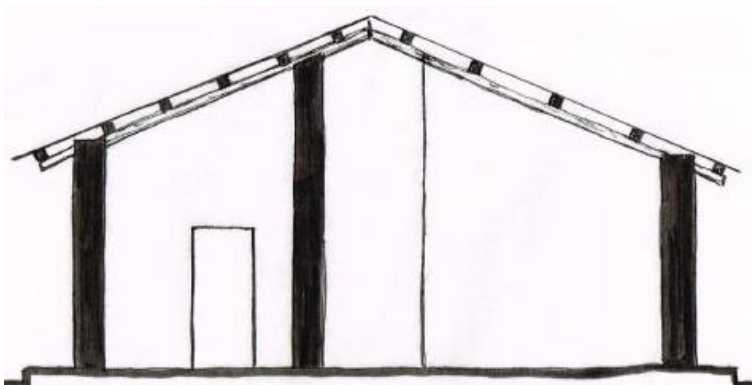


Fig.52- Corte da casa típica da aldeia Chindende tipo 1
Fonte: (Desenho do autor), 2019

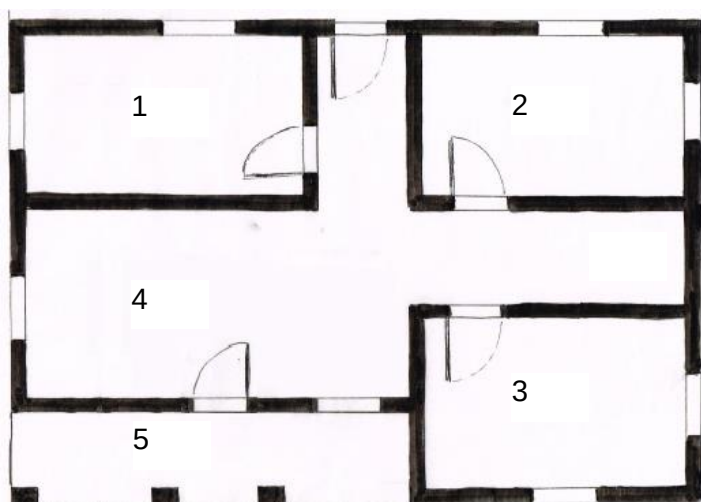


Fig.53- Planta da casa típica da aldeia de Lucula-zenze
Fonte: (Desenho do autor), 2019

Distribuição dos espaços:

- 1- Quarto do casal
- 2-Quarto para as meninas
- 3-Quarto para os rapazes
- 4-Sala de visitantes
- 5-Varanda

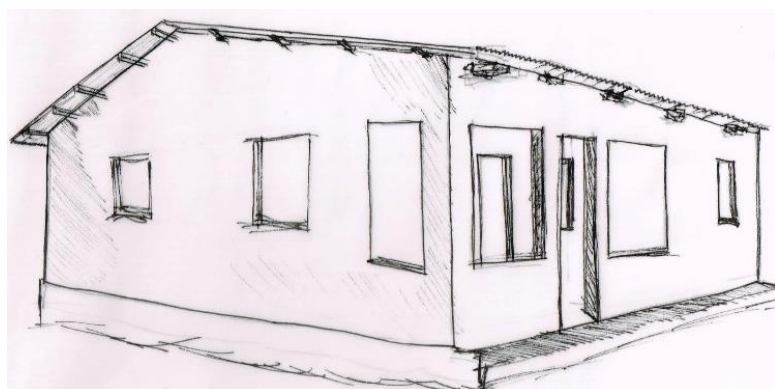


Fig.54- Casa típica da aldeia de Lucula-zenze
Fonte: (Desenho do autor), 2019

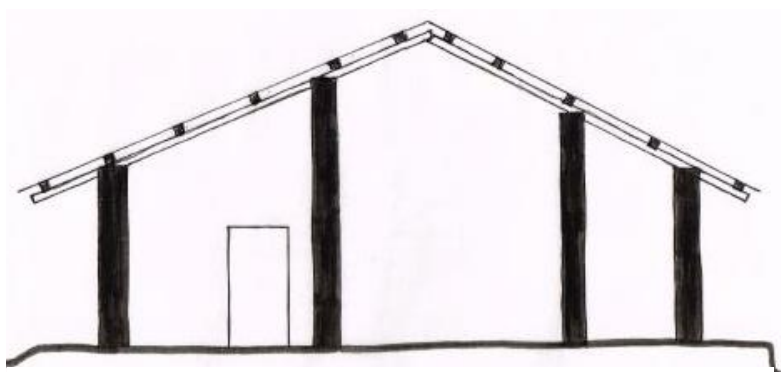


Fig.55- Corte da casa típica da aldeia de Lucula-zenze tipo 1
Fonte: (Desenho do autor), 2019

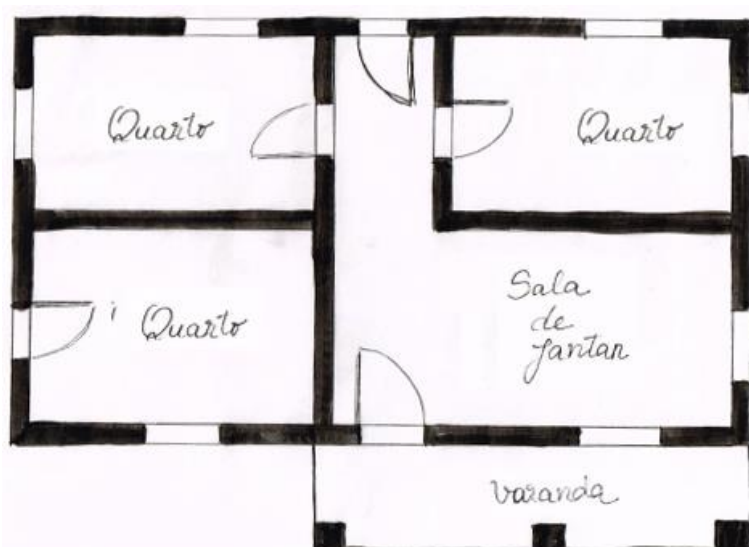


Fig.56- Planta da casa típica da aldeia de Lucula-zenze
Fonte: (Desenho do autor), 2019

Distribuição dos espaços:

- 1- Quarto do casal
- 2-Quarto para as meninas
- 3-Quarto para os rapazes
- 4-Quarto para visitantes
- 5-Sala de visitantes
- 6-Varanda

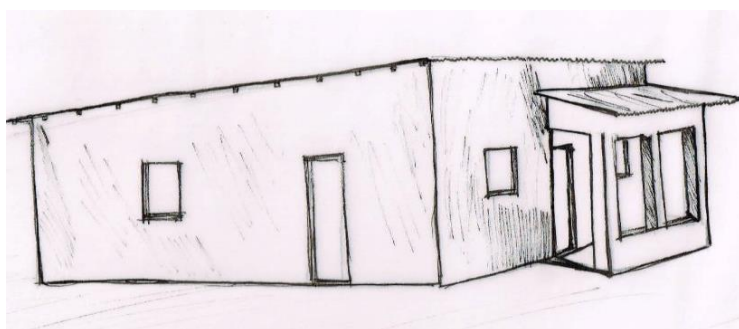


Fig.57- Casa típica da aldeia de Lucula-zenze
Fonte: (Desenho do autor), 2019

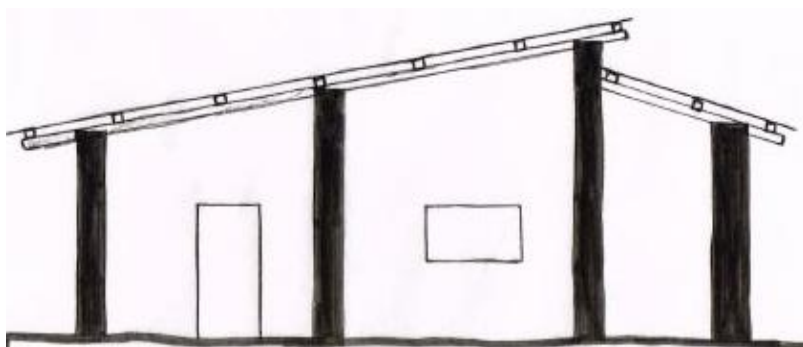


Fig.58- Corte da casa típica da aldeia de Lucula-zenze tipo 1
Fonte: (Desenho do autor), 2019

Relativamente às dimensões das casas na comuna de Tandu-zinze existem variações, de acordo com as condições e as necessidades da família, isto é, o número de filhos (mais velhos e crianças). Geralmente a distribuição dos espaços inclui uma série de pequenos compartimentos por eles designados quartos. O casal (o pai e a mãe) têm sempre um quarto próprio, exceto se o pai tem duas ou mais esposas e nesses casos ele possui um quarto pessoal. As meninas dormem sempre juntas num quarto.

Os rapazes mais novos partilham o mesmo quarto até atingirem a puberdade. Já os filhos mais velhos dormem também juntos num tempo muito curto, porque a partir de certa altura decidem casar e constituir as suas famílias. É-lhes dado um espaço para erguerem a sua casa, a qual não precisa de pessoas especializadas, porque cada família constrói a sua própria casa com ajuda de parentes e amigos, que são compensados, durante a construção com a necessária alimentação.

As casas são construídas quase sempre depois do tempo das chuvas e as construções ficam terminadas em dois a três meses. A parte frontal da casa, com ou sem varanda tem sempre um quarto para hóspedes pois para eles o visitante é sempre bem-vindo e traz alegria, quer para a casa, quer para a própria aldeia.

As casas ocupam a parte principal do terreno junto à estrada e deixa um vasto espaço na parte posterior do terreno, que serve para o cultivo de laranjeiras, tangerineiras, mangueiras, abacateiras, bananeiras, etc. Para além disso é ainda previsto um espaço para criação dos animais.

A maior parte dos armazéns, que são lugares onde se guardam materiais e rações, estão localizados no exterior da casa junto a cozinha de cozinha. Na casa principal quase que nunca se fazem decorações, mas por vezes pode-se pintar apenas o interior. A cobertura, é sempre de uma ou duas águas independentemente da tipologia. O telhado é suportado pelas paredes exteriores. Atualmente o material de revestimento é geralmente a chapa de zinco, quer na casa principal, quer na casa posterior (cozinha), embora também se encontrem muitas situações em que estas construções são revestidas com palha.

Geralmente as casas têm somente duas portas de entrada, sendo uma na parte frontal e outra na parte posterior, criando assim uma ligação entre a casa principal a cozinha e o restante do quintal.

Nas portas dos quartos existem fechaduras, mantendo o pai uma das chaves. Nas paredes exteriores pode-se verificar a existência de orifícios de diferentes medidas, os quais funcionam tanto como fonte de iluminação natural como pontos de ventilação.

No interior de algumas casas pode haver um forro que cobre toda a superfície da casa ou somente uma parte. O espaço existente entre o teto e a cobertura do telhado é utilizado para armazenar diferentes coisas.

O teto também tem a função de proteger contra a propagação de um incêndio no caso de a cobertura do telhado pegar fogo. Os compartimentos utilizados como armazéns não têm forro para que haja circulação de ar, que é necessário para que não haja uma possível destruição de tudo que é armazenado.

Os telhados apresentam beirado acentuado de forma que ao longo de um lado da casa se crie uma varanda onde se pode descansar. Muitas vezes as mulheres usam as mesmas varandas para trançarem o cabelo aos finais de semana. Este beiral acentuado do telhado constitui também uma proteção efetiva para as paredes de adobes que desta forma não são atingidas pelas águas das chuvas.

Na comuna de Tandu-zinze é comum que as casas entre os vizinhos tenham uma ligação entre si e sem muros de vedação.



Fig.59- Espaço exterior entre a casa principal e a cozinha
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.60- Ponto de encontro entre vizinhos
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.61- Processo de escavação de terra para a fabrico de adobe
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.62- fabrico de adobe
Fonte: Jose Martins Vaz (1972)

O adobe é fundamentalmente um bloco de argila amassada com areia ou palha cortada, moldada com a forma de um tijolo e seco ao sol. Geralmente a produção do adobe é relativamente simples, pois a amassadura da mesma é lançada em pequenos moldes de madeira com diferentes formas e espessuras assentes em cima de uma fina camada de areia num terreno aproximadamente plano alisando a superfície da massa permitindo com que esta fique lisa e imediatamente desenformada.

Para se evitarem possíveis fissuras no adobe é normal adicionar-se argila para contrariar o aparecimento de fissuras ao secar.

A areia também é um elemento por vezes adicionado à massa para corrigir a relação de percentagem entre aglomerantes e aglomerados. Os adobes são aplicados da mesma forma que os tijolos, sobrepostos em fiadas com juntas verticais desencontradas. As paredes, às vezes, permanecem com o adobe a vista, não sendo necessário um revestimento.

As paredes de adobe têm uma boa inércia térmica, principalmente as mais antigas e espessas. Os edifícios de adobe estão bem-adaptados ao tempo quente, mantendo-se normalmente sempre frescos, no interior. No tempo frio também evitam o aquecimento artificial. As casas em adobe são bem-adaptadas às condições do clima e extremamente bem construídas.

O senhor Tiago Pobre diz que desde os tempos mais antigos, as características tipológicas das casas que predominavam nestas zonas eram de forma quadrada e retangular e apresentavam

quase sempre varandas abertas ao exterior da casa e que serviam de um espaço para contemplar, conversar ou ainda apreciar a dinâmica da circulação dos aldeões. São comuns nesta aldeia casas quadradas e retangulares as com distribuições idênticas nos compartimentos e sempre uma varanda na parte frontal, em algumas casas, e um pátio na parte posterior entre a casa principal e a cozinha.

As casas são feitas de adobe. Antes de se dar o início a qualquer construção, passam pelo processo de fabrico artesanal de adobe, escavando um local onde poderá se fabricar os mesmos. De seguida fazem-se as medições do local desenhando o contorno da casa e depois marca-se com um fio que permite orientar a esquadria da casa.

Após a marcação dá-se o início à escavação do alicerce com a profundidade de 50 cm e largura de 40 cm.

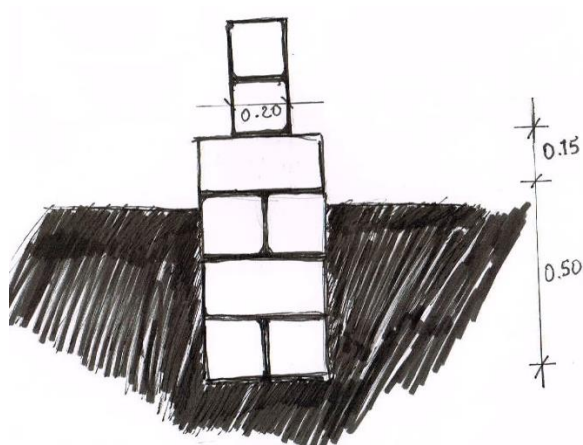


Fig.63- Fundação em corte
Fonte: (Desenho do autor), 2019



Fig.64- Construção em adobe
Fonte: (Imagem disponível na internet)

As paredes interiores e exteriores vão sendo levantadas em simultâneo até atingir uma altura de pelo menos 3,1 metros. O adobe utilizado nas construções tem as dimensões mais comuns em 0.40x0.15x0.15m.

Enquanto essas paredes secam, o pessoal prepara a construção da estrutura do telhado utilizando quase sempre barrotes de madeira apoiados nas paredes exteriores. Depois de feito isto, a estrutura é agarrada através de arames e em seguida então colocam as chapas de zinco.

Em algumas casas a preparação do chão é feita por alguém que é especialista, dominando a à técnica especial para se obter um chão liso, duro e sem rachaduras. Outros usam um pavimento de cimento. As portas e janelas são feitas de madeira extraída localmente, e reforçados para aumentar a resistência ao ataque das térnicas.

As casas nesta aldeia podem ter a duração de 20 a 50 anos ou mais. Raramente é feita manutenção constante, mas há o cuidado de fazer quase sempre a inspeção com trabalhos de reparação caso haja uma fissura e sobretudo estão atentos aos ataques das térnicas que com o andar do tempo podem originar a ruína da casa.

A escolha do lugar para a construção é fundamental pois estas são feitas em áreas muito próximas das estradas e a uma distância que permita com que não haja o perigo de queda de árvores através dos raios. Apesar de a população ser constituída por diferentes tribos tal facto não tem influência na disposição das casas, que se implantam em continuidade ao longo das vias.

Os quintais, com plantações são ligados entre si e não apresentam muros de vedação, excepto as vedações de áreas reservadas para a criação de animais. Existe assim passagem ao longo dos quintais. Essa passagem está situada entre a casa principal e a cozinha e se estende ao longo da aldeia.

A preparação dos alimentos é feita na cozinha localizada na parte posterior da casa principal, o que evita a presença de insectos em casa. Algumas casas pequenas são para guardar animais domésticos no caso de as famílias possuírem um grande número desses. (Fig.).



Fig.65- Cozinha típica da aldeia na parte posterior da casa
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.66- Interior da cozinha típica da aldeia
Fonte: (Imagem do autor), 2019

- Sistema de recolha de água da chuva
- Latrinas

A água é um recurso natural que tem uma grande importância na vida do ser humano. É um dos principais suportes de vida do ser terra, pois mantê-la em condições ideais é fundamental para vida no planeta. Para estas povoações procurar adotar alternativas para captar e armazenar a água das chuvas é essencial pois esta servirá para o seu consumo.

Com a grande dificuldade de todos os métodos e programas aliados pelo governo relativamente à esta questão de canalizar as linhas que possam transportar a água para as casas ou construção de chafariz, as populações nestas aldeias optam em fazer a recolha da água da chuva a partir de um método tradicional ou seja recolhida por um canal montado no limite da cobertura e a partir desta recolhe a água é projetado num recipiente como tambor e contentor plástico de 200 litros que logo é armazenado nos bidões, bacias, garrafões, barris de plástico entres outros meios à sua disposição para servir de consumo visando que as chuvas são irregulares ocorrendo em certo período do ano e o outro acaba por ser um período de escassez hídrica assim recorrendo a alternativas da recolha a partir dos rios ali existentes apesar de ser necessário percorrer longas distâncias para a poder ter em sua posse. (Fig.)

A água recolhida na chuva e rios para o consumo diário não é tratada nem tão pouco filtrada, sendo por tanto um dos grandes factores de várias doenças.



Fig.67- Sistema de recolha da água da chuva a partir da cobertura
Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.68- Recolha da água dos rios para o consumo diário
Fonte: (http://jornaldeangola.sapo.aoreportagemcabinda-prepara_intervencao_no_sector_das_aguas).

Latrinas

A falta de acesso à água condiciona o tipo de instalação sanitária a utilizar pela população, ou seja, nestas aldeias é comum que se utilize as latrinas artesanais feitos a partir de escavação de um buraco de 2,5 m de profundidade e 1 a 1,5 metros de diâmetro que na sua superfície é suportado por barrotes e troncos de arvores que atravessam entre si para obter um piso mais estável e confortável, de seguida é coberto com terra para permitir que não se caia no interior da cova ao ser utilizado. Alguns cobertos e outros não permitindo que o cheiro não se acumule no seu interior. Em sua volta é vedado por diferentes tipos de materiais e os mais usados são a palha, adobe, chapas para dar melhor conforto e isolar a visibilidade.

São sempre feitas três instalações sanitárias sendo que um para o banho, que consiste apenas num espaço vedado, um para o uso exclusivo as mulheres depois do parto e outro para funções de retrete. Não usam a retrete para o banho, porque pode pôr em risco a estabilidade do próprio piso. (Fig.)

Existem vários tipos de latrinas e a mais utilizada nestas aldeias é a latrina seca por não requerer água no seu uso.



Fig.69- Processo de escavação da cova para a latrina

Fonte: (Imagem disponível na internet)



Fig.70- Latrina de palha

Fonte: (Imagem do autor), 2019



Fig.71- Casa de banho de chapa

Fonte: (Imagem do autor), 2019

III. Problemas urbanísticas, arquitetónicos e sociais.

3.1-Os problemas actuais

A população da aldeia de Lucula-zenze é maioritariamente feminina, tendo como base económica a agricultura de subsistência. Cultivam hortaliças e algumas árvores de fruto para o consumo e o excedente é vendido nas aldeias vizinhas da comuna e muito das vezes os compradores vem do município sede.

- A escola local tem poucas condições para corresponder a todas as crianças. O nível de escolaridade é baixo e é elevado o índice de abandono escolar.
- A maioria da população não dispõe de meios de locomoção próprios.
- As principais doenças são: o paludismo, a malária, a filares, os parasitas, o sarampo, a oncocercose e outras parasitas.
- A comunidade não se dispõe de acesso rápido a serviços de saúde.

Equipamentos:

- Não existem espaços comunitários recreativos para o convívio, com exceção de alguns equipamentos sociais que são as escolas do ensino de base.
- Existem em algumas aldeias algum comércio (pequenas lojas de pão e outros).

Infraestruturas:

- Não existe eletricidade nas aldeias. A iluminação é feita por velas e candeeiros a petróleo.
- Não existe rede de abastecimento de água potável. Esta é recolhida nos rios ou lagoas mais próximas com ajuda de contentores de plástico ou metálicos, baldes e outros recipientes.
- A água não é tratada e nem é filtrada.
- Não existe redes de esgotos.

3.2-Os desafios para o futuro

Para melhorar a qualidade de vida destas populações é necessário começar por dotá-las de condições mínimas, melhorando de alguma forma o abastecimento da água para o consumo, instalando formas para a captação de energias a partir dos painéis solares e melhorando os serviços de saúde.

Julga-se ainda que se poderia perspetivar a evolução de construção das suas casas, sem deixar de utilizar os materiais locais.

No que se relaciona à arquitetura local, vai ser elaborada uma proposta para garantir possíveis melhorias no interior e exterior das casas não fugindo às suas características de base isto é, reforçar alguns aglomerantes no fabrico de adobe para dar mais resistência e garantir mais tempo de vida as suas construções.

Resolução dos problemas das infiltrações provenientes da cobertura que são responsáveis por danos graves na estrutura das casas.

Para se dar uma resposta positiva a essas questões, merecem ser feitos estudos futuros para melhoria das condições de vida e preservação do meio e dos recursos naturais.

IV.Novas propostas

4.1- Eficiência e resistência dos materiais

Razões para a construção em adobe em relação a outros sistemas de construção em terra



Fig.74- As 10 vantagens de contruir com adobe

Fonte: <https://blogs.canalrural.uol.com.br/casanocampo/2016/07/29/adobe-aprenda-a-fazer-tijolos-com-terra-crua/>

Editado por: André Nionje

A construção em adobe apresenta algumas vantagens construtivas em relação a outros sistemas de construção em terra como a taipa ou ao tabique pelas seguintes razões: a forma de construção deste sistema, por se assemelhar à forma atual de construção da alvenaria de tijolo não exige uma técnica especializada; dadas as suas dimensões, permite construir de forma rápida e versátil;

Os blocos podem ser previamente preparados em outro local por pessoas com menos experiência, ou onde a matéria-prima seja mais disponível; a variedade de aparelhos permite construir, paredes interiores e exteriores, para além, da construção de arcos, abóbadas e cúpulas

construções estas que dificilmente seriam possíveis de executar com recurso a outros sistemas de construção em terra.

O adobe foi também muito utilizado até mais tarde por ser uma alternativa económica ao fabrico de tijolos cozidos, permitindo um fabrico de baixo custo e um número variável de dimensões dos blocos.

- Vantagens da construção em terra

A construção em terra crua tem despertado um crescente interesse devido a vários aspetos entre os quais se destaca:

1) Economia da construção num ambiente de crise económica; materiais pouco transformados; materiais acessíveis em praticamente todos os locais de obra; matéria-prima abundante, normalmente disponível no local (terra retirada das fundações ou outras escavações como fossas sépticas, lagos ou piscinas); propriedades facilmente corrigíveis e adaptáveis ao uso, através da adição de areias, palha ou cal, entre outros materiais, todos eles de origem natural; uso de tecnologias simples (mão-de-obra, que não necessita de ser qualificada, apenas especializada); rapidez de construção.

2) A sustentabilidade energética das construções; pouca incorporação de energia, no fabrico de componentes, no transporte e na execução da construção; devido à inércia térmica deste tipo de construções, os consumos energéticos são baixos.

3) Pouco impacto ambiental dos materiais; uso de materiais locais; uso de materiais ecológicos, tendo origem 100% natural; baixa ou nula produção de resíduos; boa integração das construções na paisagem; construções recicláveis ou biodegradáveis, (os materiais podem ser reusados novamente, não gerando entulho).

4) Boas condições de conforto e salubridade do interior das construções a adoção empírica de detalhes da arquitetura bioclimática; não utilização de materiais tóxicos ou com emissões orgânicas voláteis; as superfícies em terra absorvem odores e eventuais poluentes do ar interior; as superfícies em terra, no inverno, absorvem a humidade em excesso e restituem-na ao ar interior no

verão quando o ar é demasiado seco; possuem um elevado conforto térmico, acústico devido à espessura das paredes.

5) A rapidez da construção em terra pode suscitar algumas dúvidas, mas é facilmente explicável pelo facto de numa construção, por exemplo, em taipa, três homens poderem construir por dia 12m lineares de parede com 50cm de altura com bom acabamento.

6) Numa construção corrente o processo é muito mais lento seguindo os seguintes procedimentos: construção da armadura dos pilares; construção da cofragem dos pilares; betonagem dos pilares; espera da cura do betão; construção da armadura das vigas e lajes; construção da cofragem das vigas e lajes; betonagem das vigas e lajes; espera da cura do betão; construção das paredes de alvenaria de tijolo; espera e posterior reboco das paredes.

- Limitações das construções em terra

1) As construções, em terra, apresentam algumas limitações, tais como a baixa resistência mecânica, que impossibilita a construção em altura por razões que se prendem com a vulnerabilidade aos sismos, sendo, no entanto, segura para construções de um piso.

2) A outra limitação prende-se com a sensibilidade à água, sendo desaconselhável em locais de cheias. As limitações devem ser, devidamente, analisadas e avaliadas face às condições específicas de cada local, podendo ser ultrapassadas ou minimizadas, com o recurso a disposições construtivas que aumentem a resistência destas construções.

3) A não existência de legislação específica para este tipo de construção, constitui outro fator negativo, trata-se de uma matéria-prima que não pode ser normalizada, porque depende das características do material que se encontra no local. Este facto não impede o licenciamento, mas pode dificultar a obtenção de financiamento.

4) A matéria-prima a utilizar na construção em terra é pouco homogénea, e a sua composição depende das características geológicas e climáticas de cada região. Esta realidade, torna imprescindível a realização de ensaios ao solo para, se necessário, proceder-se à adição de aditivos.

Outro problema associado ao material utilizado é a retração da argila a que este sistema está sujeito, o que pode provocar deformações significativas durante o processo de secagem, gerando fissuras ou tensões.

A classificação das técnicas construtivas baseadas na utilização da terra crua, pode ser realizada segundo vários critérios. Uma das classificações relativas à utilização e denominação da terra crua, foi desenvolvida pela Associação CRATerre, no Tratado de Construção em Terra em 1989, com a definição de um diagrama que reunia doze técnicas tradicionais e contemporâneas, de utilização da terra na arquitetura, como se pode observar na figura 8.

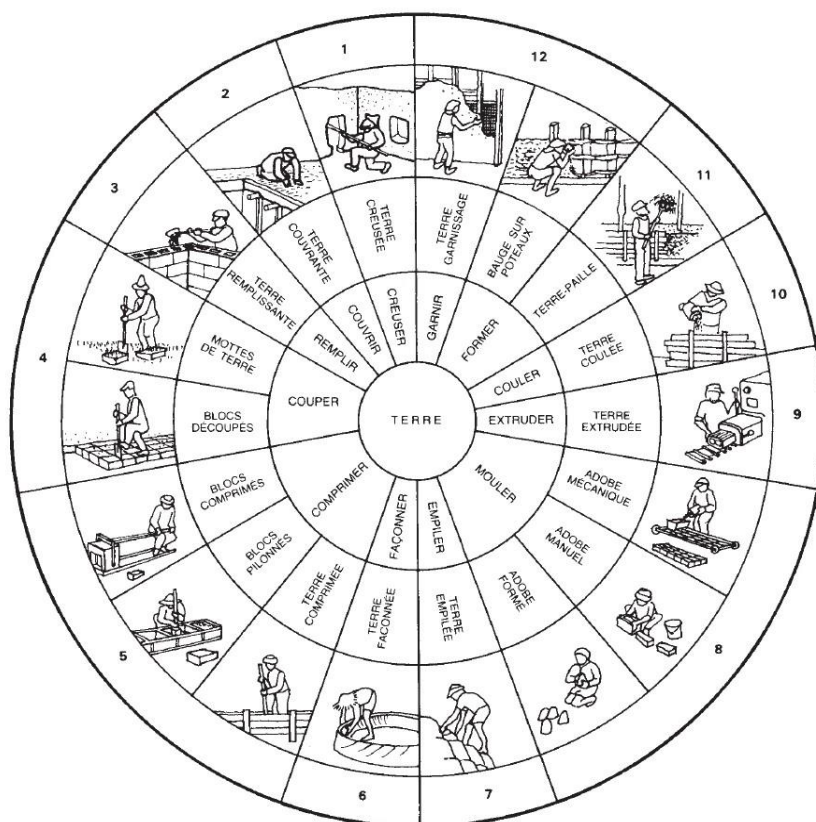


Fig.72- Diagrama dos 12 métodos principais de construção com terra.

(Fonte: CRATerre traité de construction en terre marseille, parentheses 1989)

1 Terre Ceusée	Terra escavada - exemplo de habitações escavadas no interior da terra
2 Terre couvrant	Terra de cobertura - corresponde à terra aplicada sobre uma estrutura resistente construída com outro material

3 Terre remplissante	Terra de enchimento - de uma estrutura construída com outro material, que funciona como contenção
4 Terre découpée	Terra cortada - consiste em blocos cortados no próprio solo
5 Terre comprime	Terra prensada - no interior de cofragens
6 Terre façonnée	Terra modelada - à mão no estado plástico
7 Terre empilée	Terra empilhada - em bolas para construir as paredes
8 Terre moulée	Terra moldada - em à mão ou em formas de diversas formas e dimensões
9 Terre extrudée	Terra extrudida - por máquinas especiais
10 Terre coulée	Terra plástica - em cofragem ou em moldes
11 Terre paille	Terra palha - amassada com um barramento de terra no estado muito líquido com a adição de água a
12 Terre garnissage	Terra misturada com fibras - é aplicada como revestimento de uma superfície de suporte

Técnicas de utilização da terra crua (Houben e Guillaud, 1989).

A terra para a construção deve apresentar boa coesão atribuída pela presença de argila, que funciona como ligante natural. O tipo e quantidade de argila existente no solo varia com frequência com o local, sendo necessário aferir constantemente a qualidade do material que está a ser utilizado e as suas características. Devido à heterogeneidade deste material, é frequente a sua estabilização ou correção granulométrica, para que esta tenha o desempenho desejado. Com o estudo dos diferentes sistemas de utilização da terra surge a necessidade reagrupamento das técnicas em função de características comuns, sendo possível identificar três grupos de técnicas de utilização da terra: monolítica; por unidades, ou seja, alvenaria de blocos; por enchimento e/ou revestimento de estruturas portantes, como sugere a figura 9.

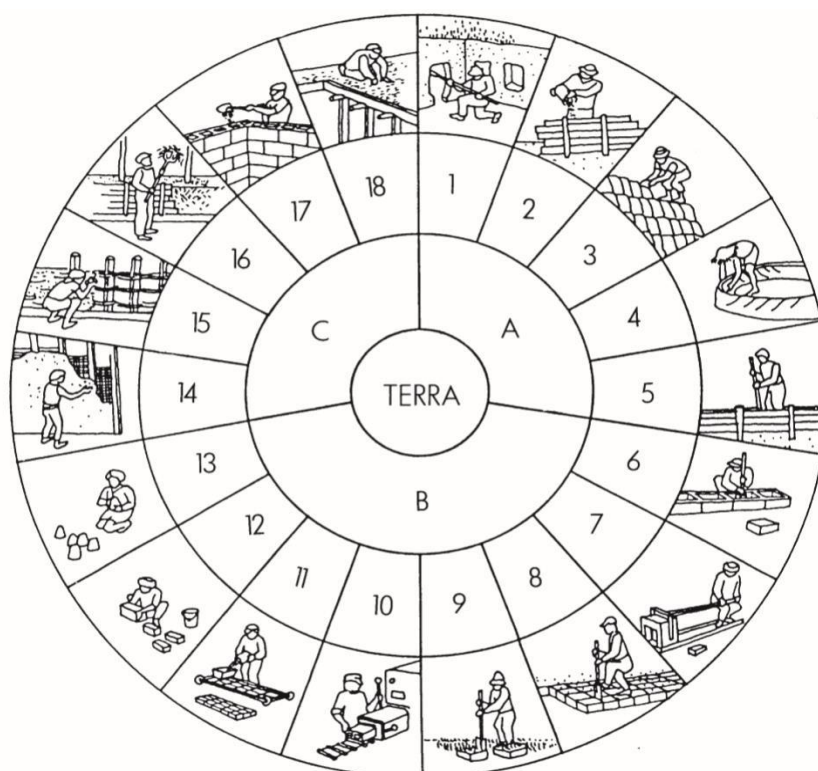


Fig.73- Diagrama dos 12 métodos principais de construção com terra.

(Fonte: CRAterre traité de construction en terre marseille, parentheses 1989)

A - Monolítica	B unidades ou alvenaria	C - enchimento e/ou revestimento de estruturas
1 – Terra escavada	6 – Blocos apilados	14 – Terra de Recobrimento
2 – Terra plástica	7 – Blocos prensados	15 – Terra sobre engrado (tabique)
3 – Terra empilhada	8 – Blocos cortados	16 – Terra Palha
4 – Terra modelada	9 – Torrões	17 – Terra de Enchimento
5 - Terra prensada (taipa)	10 – Terra extrudida	18 – Terra de Cobertura
	11 – Adobe mecânico	
	12 – Adobe Manual	
	13 – Adobe Moldado	

Reagrupamento das técnicas em função das características da aplicação (adaptado de Fernandes, 2006).

Conclusão

A realização deste trabalho sobre a arquitetura tradicional em Cabinda revela a relação íntima entre as condições sociais das aldeias estudadas e a forma de habitar e ocupar o território, para além da casa. Revela também como a aparente simplicidade das construções, pobres aos olhos de uma civilização globalizada, ocultam uma grande riqueza que está baseada na sabedoria acumulada em muitas gerações.

As formas simples das casas e a ocupação dos espaços próximos, revela a estrutura social organizativa de cada aldeia e também a forma de utilização inteligente dos materiais e técnicas tradicionais.

Uma das principais conclusões deste trabalho é a de que a melhoria das condições de vida destas populações deverá seguir a caminho que aproveita o seu conhecimento e não a imposição de modelos universais estranhos à sua realidade social.

No campo das tecnologias o caminho terá que passar pelo aprofundamento do conhecimento das técnicas tradicionais de construção com características mais sustentáveis, pois julgamos que é possível aumentar a eficiência dos materiais utilizados nas construções para melhorar a qualidade da função habitar.

Bibliografia

Fathy, H. (1973). Arquitetura para os pobres, uma experiência no egipto rural.

Guedes, M. C. (2007-2009). Arquitetura sustentável em Angola.

Tavares, A. (Castro A.), Costa A., Varum H. (2010). Evolução do sistema construtivo de adobe na fábrica de Porcelanas da vista Alegre(1937-1945).

Tubi, B. L. (1869-1910). Padre Eugénio Bisch, Apóstolo do Lucula-zenze.

Torgal, F.P. & Jajali S. (2011) Construção sustentável - vantagens ambientais da construção de terra. Revista Construção Magazine 43. Maio 2011.

Rocha, M. (2015). Técnicas de construção com terra: Uma introdução.

Correia, M. Neves, C. Guerrero, L. F. Gigogne, H. P.. (2016). Arquitetura de tierra en America Latina.

Dias, C. S. N. (2014). Infraestruturação em áreas rurais. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil. Orientado por Miguel Pires Amado Professor Auxiliar.

Anexos